



Porto Alegre

CADERNO DE RESUMO • SEMINÁRIO

PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



Realização:



Parceria:





PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



Porto Alegre

Belém

Rio de Janeiro

São Luís

Brasília

Salvador

Belo Horizonte

**8 de abril
a 16 de maio
de 2025**

Centro Cultural
da UFRGS





SOBRE

**Lélia
Gonzalez**

Nascida em Belo Horizonte no dia 1º de fevereiro de 1935, Lélia de Almeida mudou aos 7 anos para o Rio de Janeiro. Ela não precisou trabalhar nova, por ter muitos irmãos mais velhos. Impulsionada por eles e por sua mãe, Lélia pôde se dedicar aos estudos.

Graduou-se em História e em Geografia pela então Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professora de Ensino Médio e, aos 30 anos, começou a estudar Psicanálise.

Em 1975, fundou o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Além de criar o primeiro curso institucional de cultura negra do Brasil.

Ainda antes dos 40, Lélia já era uma intelectual reconhecida. Foi quando se tornou ativista do movimento negro, por meio do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, pelo qual se tornou uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado em 1978.

A partir de então, no meio intelectual começou a trabalhar para quebrar a ideologia hegemônica racista e sexista que imperava no meio acadêmico. Ela começou a abordar os debates contemporâneos do Brasil e do mundo por uma centralidade amefricana.

Concorreu a deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1982 e trabalhou como assessoria da então vereadora de primeiro mandato Benedita da Silva, no Rio de Janeiro. Contribuiu com a fundação tanto do PT como do PDT, além do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e do Olodum.

SOBRE O PROJETO MEMÓRIA

Criado em 1997, pela Fundação Banco do Brasil, o Projeto Memória tem como missão resgatar, preservar e difundir a vida e a obra de importantes personalidades que contribuíram para a transformação social e a construção da cultura brasileira.

Foram realizadas 13 edições, com o objetivo de valorizar a cultura e a história do país, a partir de homenagens a personalidades e fatos que ajudaram a construir a identidade nacional e fortalecer a cidadania.

Já foram homenageados pelo Projeto Memória o poeta Castro Alves, o escritor Monteiro Lobato, o jurista Rui Barbosa, o navegante Pedro Álvares Cabral, o presidente Juscelino Kubitschek, o sanitarista Oswaldo Cruz, o sociólogo Josué de Castro, o educador Paulo Freire, a feminista Nísia Floresta, o líder da Revolta da Chibata João Cândido, o sertanista Marechal Rondon, e o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade.



1º DIA – 8.ABRIL.2025

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”

Porto Alegre, RS

Mediadora

Maria Conceição Lopes Fontoura



Especialista e atuante nas áreas dos Direitos Humanos, envolvendo-se com temas como: Educação; Educação das Relações Étnico-raciais e Feminismo Negro. Integra MARIA MULHER ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS, sendo uma de suas fundadoras. É Representante Regional da Fundação Cultural Palmares desde maio de 2024.

Convidada

Fernanda Bairos



Doutora em Epidemiologia e Pós-doutora em Saúde Coletiva. Docente do Departamento de Saúde Coletiva da UFRGS. Coordenadora do Grupo de Estudos Harambee e integrante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar- RedeSSAN.

Convidada

Miriam Porto de Fraga



PcD, escritora, profissional do mercado financeiro e de capitais, sindicalista e defensora dos Direitos Humanos, das PcDs e dos animais. Militante do Movimento Negro e segunda funcionária negra do BB a integrar o BB Black Power no RS.

Convidada

Jurema Batista



Professora, formada em Português - Literatura, com especialização em Políticas Públicas pela UFRJ. Foi eleita por 3 vezes vereadora, além de ter sido a primeira deputada estadual negra do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, sempre lutou em defesa das populações desfavorecidas, trabalho este que atravessou fronteiras, sendo reconhecida pela ONU, com indicação ao Prêmio Nobel da Paz de 2005.

PAINEL I

A Luta Antirracista e Antissexista de Lélia Gonzalez

FALAS DE ABERTURA



Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): Em homenagem aos 90 anos do nascimento e 30 anos do falecimento de Lélia Gonzalez, o “Projeto Memória” resgata a vida e a obra da escritora e ativista em uma série de atividades itinerantes. A iniciativa, que começou em Salvador, em maio, já passou por Belo Horizonte, São Luís, Brasília, Rio de Janeiro, e estreia hoje aqui em Porto Alegre, seguindo pra Belém, em maio, com exposições e seminários que refletem sobre a luta antirracista e antissexista, até junho de 2025.

O “Projeto Memória” é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. A Fundação Banco do Brasil, instituída em 1985 pelo Banco do Brasil, tem em sua nova estratégia o propósito de promover caminhos para a transformação social e relação sustentável com a natureza. E a realização do projeto em homenagem à Lélia Gonzalez remete aos princípios do respeito da cultura e ao valor da diversidade, e a temática trabalhada na obra de Lélia abrange questões essenciais a grupos integrantes dos públicos priorizados pela Fundação Banco do Brasil.

Antes de iniciarmos os diálogos, queremos agradecer à Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, ao Instituto Memorial Lélia Gonzalez, e à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo valioso apoio ao “Projeto Memória”. Convidamos neste momento,



para uma breve fala, o filho da nossa homenageada, o senhor Rubens Rufino.

Rubens Rufino: Boa noite, minha gente. Olha, é um prazer inenarrável e uma emoção muito grande tá aqui, em Porto Alegre, no dia de hoje, nessa belíssima homenagem que é prestada à minha mãe, que eu acho que isso se estende à luta dela pelo povo dela, pelo povo negro.

Mas assim, pediram pra eu falar, mas eu não sou a pessoa que tenha capacidade pra falar da Lélia intelectual e ativista. Tem várias outras pessoas que vão tá aqui falando. Vocês viram no documentário, tem pessoas com conhecimento maior.

O que eu posso falar é da Lélia mãe que, cá pra nós, era mãe-zona. Ela era de uma ternura sem igual. Muito, muito terna comigo. De um amor absurdo. E, do outro lado, extremamente rígida comigo. É. Ela nunca me bateu, nunca puxou minha orelha, mas fazia pior. Em alguns momentos, eu preferia levar uma coça do que levar uma chamada dela. Mas enfim, ela foi uma coisa que... eu me sinto um privilegiado de ser filho de Lélia, porque ela, desde que eu me entenda por gente, desde criança... ela descobriu, na realidade, a negritude dela a partir do início dos anos 70, que até lá - vocês veem em foto - usava peruca, aquela coisa toda, pra ela poder... foi uma forma que ela encontrou pra poder se inserir dentro da sociedade.

Fez faculdade, já tinha três faculdades, três graduações. Então, pra ela poder ser aceita, foi uma forma, a arma que ela encontrou. Super estudiosa. Mas aí ela começou a usar black, passava henna no cabelo, o cabelo ficava avermelhado e tal. As roupas mudaram, o vestuário dela. Começou a usar roupas coloridas. Até em casa, no apartamento que a gente morava no Cosme Velho, as portas eram pintadas de lilás, de amarelo, de azul, de verde. Cada porta, cada faixa de madeira da porta tinha uma cor, uma coisa fabulosa.

Então, quando os meus conhecidos, amigos, iam lá, achava aquilo totalmente diferente e se amarravam. E o que é mais im-

portante, uma coisa que minha mãe me ensinou desde criança, é que a militância, ela se dá em qualquer local, em qualquer tempo. Você não precisa ser filiado a uma instituição, a um movimento, pra você ser um militante. Militância se dá no colégio, no elevador, na fila do ônibus, na fila do banco, no supermercado. Qualquer lugar é a militância. E ela fez com que eu me tornasse, descobrisse a minha negritude - não só descobrir, porque a gente não nasce negro, a gente descobre ser negro -, mas é assumir a negritude, que é o mais importante.

Eu me lembro quando eu tinha 14, 15 anos - ou até menos, 13 anos -, tinha, no Rio de Janeiro, o Teatro Opinião. Não sei se alguma pessoa aqui conhece. Foi uma época dura, né? Na época de ditadura, nos anos 70. Tinha uma reunião, acho que no primeiro sábado do mês, havia uma reunião do pessoal progressista, de esquerda, e de lideranças negras, e ela me levava. “Ó, presta atenção no que as pessoas falam”, e tal, né?

E eu tive também a oportunidade de crescer ouvindo o que o pessoal do movimento negro, do MNU... as reuniões ocorriam na minha casa. Então, tive a oportunidade de beber da fonte deles, de ouvir. Não ficava nas reuniões, mas do meu quarto eu tava ouvindo tudo e, às vezes, eu trocava ideias. Entendeu? Tudo isso, a preocupação dela de mostrar a valorização do negro, né? E até falando da militância, uma coisa que me marcou muito na minha vida. Meus colegas, que no início, né, na minha adolescência, pelo bairro que nós morávamos, pelo meio que eu vivia, há muitos brancos. E eu vejo hoje, depois de já adulto, as meninas faziam depoimentos: “Rubens, eu sou uma feminista por causa da sua mãe”, “eu não sou racista por causa da sua mãe”, “eu não sou machista por causa da sua mãe”. Ela não pegava e falava: “senta aqui que eu vou...”. Não. De papo. E ela em casa, rodando, as pessoas viam o que ela fazia e tal. Então, isso pra mim é muito grande saber que eu convivi com uma mulher dessa. Porque eu não tinha noção. Porque a minha relação com ela era mãe e filho. Eu não tinha essa relação de aluno. Não tinha essa relação de ativista, de militância, ir pra partido, ir pra rua. Eu não tinha essa relação com ela. Mas aprendi demais. E eu tive uma vantagem, gente.

Eu era o datilógrafo de Lélia Gonzalez. Eu sou da época que você fazia curso de datilografia. Tinha até um diplominha que eu mandei emoldurar. Muito legal. E aí eu acabei me tornando um bom datilógrafo. Então, quase todos os textos, até eu me casar, os textos que ela produzia era eu quem batia. Inclusive, o livro “Lugar de Negro” foi eu quem o bati todo antes de ir pra gráfica. E você acaba absorvendo, não só de ouvir, de conversar - porque a gente conversava muito, ela fazia questão. A gente tinha uma relação muito próxima, que transcendia coisa de mãe e filho. Então, a gente batia papo e tal, não sei o quê. E aí, quando eu sentava na escrivaninha ela era - passava a noite inteira escrevendo. De manhã, eu acordava, tava aquele maciinho de folha lá pra eu sentar na máquina e mandar ver. E aí eu absorvi aquilo tudo. E algumas coisas que eu não entendia, eu falava: “mãe, e isso aqui?”, e ela me explicava numa boa, entendeu? Então, isso foi muito legal. E até hoje - agora não, porque tem seis meses que eu fiz uma cirurgia na vista e tenho dificuldade de ler, de escrever, não tô conseguindo.

Mas um dia desses, foi final do ano passado, eu reli o texto dela, “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”. Aí você viu o que aconteceu no Carnaval, do Rio de Janeiro? Parece que ela tinha acabado de escrever o texto, sabe? Então, ela tem de uma atualidade, sabe? Muito impressionante. Então assim, eu achava legal. E as pessoas que eu via na redondeza, os vizinhos, principalmente na mãe dos meus amigos, eram todas caretas. Mulheres brancas, né? Aquela coisa que a Jurema coloca ali, do movimento feminista, que ela denunciou, “tem mulher negra também”. Dentro do MNU, dos homens, “tem mulher negra também”, que se esqueciam. E elas admiravam, porque ela era uma crioula diferente. Usava roupa colorida, cabelo colorido, entendeu? Ela falava com todo mundo... eu achava muito interessante que ela falava com todos os públicos.

Eu já tive a oportunidade de assistir uma aula dela, e eu via que o pessoal conseguia entendê-la. Eu vi ela dando uma palestra, num congresso, todo mundo conseguia entendê-la. E quando a gente descia pra esquina da nossa rua, no Cosme Velho, ti-

nha um bloco carnavalesco, uma escola de samba, e ela falava, tomando cerveja, todo mundo entendia o que ela falava. É, essa facilidade de comunicação. Logicamente, é por conta do pretuguês, né, gente? Porque ali era a turma da... era a negadinha que tava ali, ela tava conseguindo se comunicar. Quando ela entrava com a branquitude, ela também conseguia se comunicar. E isso foi uma coisa que muito marcou minha vida.

E aí, gente, pra finalizar, vieram os netos. Melina, que ela adorou - imagina, primeiro cria dela era uma menina? Ela ficou apaixonadíssima. Sem desvalorizar o Marcelo, que é um menino, mas pra ela a importância da mulher... sabe? Tá acima de tudo. Vocês sabem disso melhor do que eu. E ela era avozona, entendeu? Ela tratava as crianças... cara, teve um dia, o Marcelo um dia desses tava lembrando disso, que eu levei eles lá na casa dela. Ela morava... já tava morando em Santa Teresa. Aí o Marcelo chegou lá: "vó, tem alguma coisa pra comer? Porque eu tô com fome". Gente, ela me deu um esporro, mas um esporro. "Mas como é que você deixa os meus netos ficarem com fome? Irresponsável", sabe? Então, ela tinha isso de legal. Quer dizer, ela foi uma avó e a pessoa mais próxima da família com a gente, a Lili, a Liane. Então assim, as filhas da Lili... então, ela tinha essa coisa de bom. E eu volto a repetir: uma coisa que ela me ensinou, apesar de ela ter uns momentos de muito sofrimento, mas, cara, ela não deixava a peteca cair. Sempre com altivez pra superar esses momentos difíceis. E uma coisa que eu acho lindo na minha mãe é o sorriso dela.

Sempre, sempre, sempre com aquela boca enorme, aqueles dentes enormes, sempre sorrindo. E ela sempre me falava: "meu filho, nunca deixe de manter o sorriso no rosto". É isso que eu faço e ensinei pros dois. Então, gente, é emocionante tá aqui. Muito obrigado por vocês estarem aqui prestigiando essa mulher. E a gente, hoje, tem o Instituto Memorial Lélia Gonzalez que, lá atrás, ela meio que conversava comigo e dava a impressão que queria ter continuidade no que ela escrevia, nessa luta, né, a favor de uma sociedade justa e igualitária, principalmente com o negro e com a mulher negra, através de um instituto.



Então, nós tivemos a missão - isso é uma missão - de montar, da família - eu, Marcelo, Melina e Lili -, montamos o Instituto Memorial Lélia Gonzalez. Que estamos aí pra ajudar, já temos feito isso, com outras pessoas do mundo negro que não têm oportunidade. Por vários motivos. Não vale a pena ficar elencando aqui. Mas o que é o mais importante: a gente tem que se aquilombar para a gente conseguir mais coisas. Valeu, gente. Obrigado.

Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): Nesse momento, convidamos a representante da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, senhora Flávia Silva, para uma breve fala.



FALAS INSTITUCIONAIS

Flávia Silva: Boa noite a todas e todos. É com imensa satisfação que eu estou aqui representando a Associação Amigos do Cinema e da Cultura, a AACIC, associação que é um grupo de amigas e amigos apaixonados pelo cinema, pela cultura e pela democracia. Um grupo que se converteu em uma ferramenta de transformação social, levando o artista, o escritor, o poeta onde o povo está.

Assim, é uma honra me dirigir a vocês nessa noite especial, em que o "Projeto Memória Lélia Gonzalez - Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas" chega à cidade de Porto Alegre. Já estivemos em Salvador, Belo Horizonte, São Luís, Brasília e Rio de Janeiro, alcançando, até o momento, um público de mais de 25 mil pessoas. E eu gostaria de destacar que entre esse público, mais de 10 mil alunos, reafirmando uma das missões da AACIC: promover o debate e a conscientização sobre os aspectos fundamentais da sociedade brasileira e mundial, proporcionando aos estudantes e à sociedade a possibilidade de reconhecer e conhecer a história, para que os er-

ros não se repitam e para que avancemos de forma mais justa, mais fraterna e igualitária. E como nos diz o poeta Pedro Tiera, para que nós não abdicuemos da capacidade de pensar.

O projeto teve também um grande alcance nas redes sociais - Instagram, Facebook e TikTok -, ultrapassando a marca de 1 milhão de visualizações. E se vocês ainda não nos seguem, esse é um bom momento para começar.

Muito obrigada, Rio Grande do Sul, um estado em reconstrução. Estamos aqui também com o intuito de colaborar com a reconstrução, investindo no mais valioso capital de uma sociedade: o capital humano. Não há resistência sem cultura. Ainda estamos aqui, resistindo, lutando pela democracia e contra a impunidade. E ganhando Oscar. Viva o cinema brasileiro, viva a cultura brasileira, viva a história e a memória de Lélia Gonzalez. Muito obrigada.



Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): Representando a Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, convidamos para sua fala a senhora Luana Rodrigues dos Santos, chefe da divisão.



Luana Rodrigues: Obrigada. Olá, boa noite a todas as pessoas. Eu sou a professora Luana, atualmente coordeno o Programa de Educação Antirracista. Estou muito feliz e honrada em estar aqui representando a Secretaria da Educação, mas antes eu tenho que agradecer, ao convite, e quero dizer a vocês que nós vamos trazer mais de 2.500 estudantes pro evento, né? Estamos muito, muito felizes, e também... obrigada.

E não poderia deixar de falar que eu também estou feliz, porque eu conheci a história da Lélia quando eu já tinha mais de 30 anos. E eu me senti, assim, que eu tive um direito violado, né? E eu não pude conhecê-la, eu não conheci as mulheres negras que vieram antes de mim, na escola.

Eu acho que nós estamos aí com uma oportunidade de romper essas barreiras. Também quero agradecer à professora Lúcia,



à professora Adriana, que trabalharam na Secretaria de Educação antes da minha chegada, que abriram os caminhos pra nós, e por isso que hoje eu estou aqui também. Então, muito, muito obrigada.

Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): Em nome do presidente da Fundação Banco do Brasil, o senhor Kleyton Moraes, gostaria de agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e toda a equipe do Centro Cultural da UFRGS, na pessoa da diretora Lígia Petrucci, pelo importante apoio e parceria nesse evento. Também agradecer a todos e a todos presentes nesse seminário. Por motivo de força maior, ele não poderá estar presente conosco nessa noite.

Além dos seminários, o “Projeto Memória” apresenta uma exposição com 18 painéis históricos que registram a vida e a obra da escritora. A mostra ficará aberta à visitação do público até 16 de maio, no Espaço Paineira, nesse Centro Cultural. Confirmam a programação. A exposição também receberá a visitação de alunos ao longo do período, com a disponibilização de transporte gratuito para conhecer a trajetória da intelectual.

Nessa primeira noite do seminário, temos a honra de contar com a presença de professoras, ativistas e pesquisadoras sobre o pensamento e as contribuições de Lélia a partir de suas análises sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo na sociedade brasileira.

A temática do painel é intitulada “A Influência de Lélia Gonzalez na Luta Antirracista e Antissexista”. Gostaríamos de convidá-las a subir ao palco: É doutora e mestre em educação pela UFRGS, onde também se graduou em Letras, Português e Latim. Especialista em Direitos Humanos, atua em Educação em Relações Étnico-Raciais e Feminismo Negro. Nossa mediadora da noite, professora Maria Conceição Lopes.

Nossa primeira palestrante é PcD, escritora, profissional do mercado financeiro e de capitais, sindicalista e defensora dos direitos humanos, das PcDs e dos animais. Militante do Movi-

mento Negro, e segunda funcionária negra do Banco do Brasil a integrar o Banco do Brasil Black Power, no RS, Miriam fraga.

A próxima palestrante é doutora em Epidemiologia e pós-doutora em Saúde Coletiva. Docente do Departamento de Saúde Coletiva da UFRGS, coordenadora do Grupo de Estudos Harambee e integrante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar - RedeSSAN, Fernanda Bairros.

Nossa próxima convidada e palestrante da noite, professora formada em Português, Literatura, com especialização em Políticas Públicas, pela UFRJ. Foi eleita por três vezes vereadora, além de ter sido a primeira deputada estadual negra do Rio de Janeiro. Defensora dos direitos humanos, sempre lutou em defesa das populações desfavorecidas, trabalho esse que atravessou fronteiras, sendo reconhecida pela ONU, com indicação ao Prêmio Nobel da Paz de 2005, nossa querida Jurema Batista. E agora eu passo a condução desse seminário à nossa mediadora, Maria Conceição Lopes.



Maria Conceição Lopes (Mediadora): Boa noite a todas as pessoas que estão presentes aqui nesse espaço, para que a gente fale um pouco mais dessa potência que foi e que é a nossa Lélia Gonzalez.

Eu estou muito honrada de estar aqui na posição de mediadora. Na verdade, quem vai trazer mais informações sobre Lélia são as três convidadas. E eu gosto sempre de dizer que nós estamos fazendo a história brasileira aparecer de forma como ela realmente aconteceu.

Então, pessoal, quem vai começar, na verdade, é a Miriam Porto de Fraga. A Miriam, PcD, escritora, profissional do mercado financeiro e de capitais, sindicalista e defensora dos direitos humanos, dos PcDs e dos animais. É militante do movimento negro e segunda funcionária negra do Banco do Brasil a integrar o Banco do Brasil Black Power, no Rio Grande do Sul.



Miriam Porto de Fraga (Palestrante): Primeiro um boa noite pra todas, todos e todes. O pronome neutro ainda é uma coisa nova para mim, mas eu tô aprendendo, né? Tô me educando.

Eu queria trazer pra reflexão uma letra de música, o “Canto das Três Raças”. Quem aí conhece? Clara Nunes gravou: “Ninguém ouviu um soluçar de dor no canto do Brasil. Um lamento triste sempre ecoou, desde que o índio guerreiro foi pro cativo e de lá cantou. Negro entoou um canto de revolta pelos ares, do Quilombo dos Palmares, onde se refugiou. Fora a luta dos Inconfidentes pela quebra das correntes, nada adiantou. E de guerra em paz, de paz em guerra, todo o povo dessa terra, quando pode cantar, canta de dor. E ecoa noite e dia. É ensurdecador. Ai, mas que agonia, o canto do trabalhador. Esse canto que devia ser um canto de alegria, soa apenas como um soluçar de dor”. Essa música foi escrita em 1974, em plena ditadura militar, por um contemporâneo da Lélia. Foi lançada em 76, no ano em que eu nasci - coincidentemente -, no dia 8 de abril. E é atual.

O canto do trabalhador ainda é um canto de dor. E vou trazer pra vocês. A música foi composta por Mauro Duarte e Paulo César, e gravada por Clara Nunes em 1976. O “Canto das Três Raças” apresenta uma vertente mais essencialista, onde há um conjunto de características comuns a todos os sujeitos que compartilham determinada identidade - negros, índios e brancos.

A música resgata a origem de um racismo recorrente, assassino e, mesmo assim, tolerado até os presentes dias e também ignorado pelos poderes instituídos, e como a gente fica nessa situação.

Eu trago uma reflexão do que é identidade. Qual a sua, a minha, e a nossa identidade? O que é ter uma identidade? São perguntas que sempre foram difíceis de responder, e possuem inúmeras e imprecisas respostas, né? O que é identidade?

No mundo atual, as tentativas de responder ficaram extremamente mais complexas. O que é ser brasileiro? Alguém tem

resposta? Qual a sua etnia? Qual a sua raça? Perguntas relativamente simples, mas são difíceis de responder, né?

Eu trago um trabalho do Seminário Internacional História do Tempo Presente, que foi apresentado pelo Sandro José Coelho, na UDESC. Pra tentarmos responder tais perguntas, necessário se faz problematizar e definir ou redefinir o que é identidade.

Pra tanto, vamos problematizar tais questões sobre as perspectivas contemporâneas nos estudos da sociedade e da cultura. Em primeiro lugar, é necessário conceituá-la e classificá-la. É uma marcação simbólica, né, e depende daquilo que o outro diz a teu respeito. Ela é definida pela negação, ou seja, por aquilo que não é, por aquilo que não se é.

Eu trago uma letra de música, porque o meu letramento racial se deu muito pela música. Eu escutava os sambistas Cartola, Pixinguinha, o próprio Lupicínio, que é referência aqui em Porto Alegre, e pensava: “por que tanta pobreza? Por que tanta miséria?”.

A figura do negro é a figura da pobreza, né? Um negro ascender social e simbolicamente são processos diferentes. Nesses processos, - continua o Sandro José Coelho -, de classificações e demarcações que envolvem as relações de identidades e diferenças, outras relações de forças e poder podem ficar esquecidas ou escondidas, e desaparecerem das discussões.

A ideia histórica que nos foi passada foi de eurocentrismo e apagamento - tentativa de apagamento - da história do negro, pra que ele não formasse a sua identidade. Justamente pra que ele não formasse a identidade. E esquecemos das relações de gênero e étnico-raciais, que tanto podem rebaixar ou excluir determinadas categorias ou demandas.

Por isso a necessidade de um feminismo negro. Porque, como disse a Lélia - inclusive, passou na TV, numa emissora de grande audiência no Brasil, “Falas Feministas”. A mulher preta foi feita pro trabalho e a mulher branca não poderia trabalhar.

Pra finalizar, e não... por último, mas não menos importante, não se pode esquecer dos aspectos psíquicos em relação às questões identitárias. Ou seja, por que as pessoas assumem as suas questões de identidade e se identificam com elas?

Como eu disse no começo, o meu letramento racial... eu ouvi falar de Lélia Gonzalez aos 30 e poucos anos, já compondo o movimento negro, né? Nem na faculdade me falaram de Lélia Gonzalez. Eu sou uma mulher das letras. Sou escritora, e o pretuguês me encantou e eu costumo dizer que tirou a chibata das mãos dos nossos feitores linguísticos, porque o pretuguês, reconhecer-se negro através da linguagem, é um ato de resistência, de luta, né? Tentativa de apagamento linguístico e contribuição para a formação do idioma do colonizador.

Em 2019, Angela Davis, quando veio ao Brasil, disse que: “eu acho que eu aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês comigo”. Acredito que essa frase tenha despertado em muitas pessoas a busca pelo texto da Lélia Gonzalez - pelos textos -, que é pouco conhecida e, conseqüentemente, lida no Brasil.

Posso dizer por mim mesma. Quando iniciei meus estudos sobre questões raciais e de gênero, li toda a obra de Angela Davis antes de ter em minhas mãos algum texto de Lélia Gonzalez. Ela nasceu em Belo Horizonte, mineira, em 35, contemporânea da minha mãe, que é assunto do meu texto, da minha crônica na Coletânea Imortais 7, que era de 34. E, apesar de morar na mesma cidade, nas minhas leituras eu viajei primeiro aos Estados Unidos, com a Angela Davis, né?

Quando comecei a ter contato com a produção de intelectuais brasileiras, como a Lélia, a Beatriz Nascimento, compreendi muito mais profundamente as questões raciais brasileiras pautadas no mito da democracia racial.

Mas eu queria deixar pra reflexão de vocês um trequinho da vida de uma preta no Rio Grande do Sul, porque “Ensaio Sobre a Pobreza” não é uma tarefa fácil de escrever. “Por sobre o corpinho miúdo, o fino vestido de lã grosseira, costurado à mão, uma flanela ou feltrinho que costumava cobrir os corpos

dos pobres no rigoroso inverno do Sul. Os pés nus vinham quebrando a fina camada de gelo que cobria os campos. A geada havia chegado, era inverno em 1940. Nas pequenas mãozinhas, trazia os tamancos de madeira que, segundo ela dizia, escorregavam na grama vitrificada e gélida. Nos olhos, a fome, aquela maldita companhia indesejada. Era alta madrugada quando a negrinha miúda se punha na estradinha de chão. Seu rumo: o matadouro local. Iria buscar os despojos de um dos bois que seriam sangrados logo cedo. Se apressasse o passo, chegaria a tempo de obter as melhores partes do animal, que serviriam de mistura nos dias que se seguiriam, lhes matando a fome.

Tinha seis anos de vida, à época. Peço licença, embora não muito poética, aos estimados leitores, para falar um pouco da estrutura familiar dessa negrinha, neta de escravizados e de indígenas.

Da união do negro e da indígena, a fome, que era íntima dos dois, se multiplicou por nove. Eram oito filhas, todas meninas. Um nono filho, o único homem da prole, durou poucos meses. Ele, negro, agricultor, dependente da produção da lavoura, era alcoólatra, nos idos de 40, geralmente violento com esposa e filhas sob o efeito do álcool. Repartia a produção da lavoura com o patrão e dono das terras, sempre um herdeiro dos senhores de engenho ou imigrante abastado. O pouco que sobrava ia da mão pra boca das pessoas que compunham a família. Sobrava tão pouco pra dividir em dez, seu moço. Dizem que miséria, quando se divide, multiplica-se. Ela, bugra, parideira por natureza, de fartos seios e quadris. Benzedeira das boas e parteira das melhores, do lar e da lida na roça. Além de todas as funções já citadas, sua última função era procriar. Os dois analfabetos, sem educação, sem terras, sem possibilidades, sem futuro, sem nada.

Ademais, voltemos à figura miúda, descalça, no caminho do matadouro. Lembram, caros leitores, que se ela apressasse o passo, pegaria as melhores partes do boi recém-morto? Pois então. A cabeça do boi está garantida, assim como as outras partes, como o fígado, tripas, rins, bucho e coalheiras. Uma



feita. No caminho de volta, nem a roupinha lavada pelo sangue do boi, cuja cabeça carregava ao ombro, nem o peso das vísceras do animal colocadas num saco de linhagem, eram capazes de impedir suas travessuras de criança.

Vinha rindo, cantando e brincando, indiferente às dificuldades da vida. Habitava nas agruras e misérias da existência humana sua maior força. Lembro-me das inúmeras vezes em que me sentei aos seus pés e, junto com meus irmãos e primos, escutamos este e muitos outros relatos de tristeza e dor. A negrinha miúda e franzina tinha nome. Dorcelina. Doçura. E esta é história da minha mãe”.

Maria Conceição Lopes (Mediadora): Depois, pessoal, quem quiser fazer algumas indagações pra Miriam vai ter um tempo. Agora, quem vai fazer a intervenção, também de 20 minutos é a professora Fernanda Bairros. Contigo, Fernanda.

Fernanda Bairros (Palestrante): Obrigada, Boa noite. Boa noite a todas, boa noite a todos e a todes. É uma alegria imensa estar aqui. Então, gostaria muito de agradecer o convite, né? Vanessa Silva, Schuma, né? E também Rubens Rufino. Um prazer te conhecer pessoalmente.

E muito obrigada por ter trazido a história e a memória de Luiza Bairros pra esse evento de celebração de Lélia Gonzalez, porque Lélia Gonzalez foi a maior inspiração de Luiza Bairros. Muito obrigada. É uma honra e uma responsabilidade, né? E eu trago uma dupla responsabilidade, porque eu trago o legado de Lélia Gonzalez, e trago a história e a memória de Luiza Bairros, minha tia, né? E Luiza Bairros, ela, publicamente, né, dizia o quanto que Lélia Gonzalez a formou, né, enquanto intelectual, enquanto militante, enquanto ativista e a sua ação política.

Eu fui ler Lélia Gonzalez, também, eu já tinha meus 18, 19 anos - tardiamente pra quem é sobrinha de Luiza Bairros, que bebeu toda a fonte, e viveu, né? Porque Luiza Bairros era amiga pessoal - né, Rubens - de Lélia, né, e uma companheira dentro do Movimento Negro Unificado.

Então, eu digo que eu tive acesso tardiamente à produção de Lélia. Mas o legado de Lélia chega até mim muito jovem, né? A minha formação toda enquanto criança negra é Lélia Gonzalez, né? É Lélia Gonzalez, porque Luiza Bairros, enquanto tia, né... eu vou falar mais do legado de Lélia Gonzalez no campo afetivo, porque do campo teórico, né, a companheira Miriam traz da vivência, né? Jurema vai trazer também. Mas o quanto que o legado de Lélia é potente e transformador pra todas nós, né?

O fato de eu estar aqui, com esse microfone, dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, né, no qual eu sou docente e pesquisadora, isso é um projeto político de Lélia Gonzalez e todas aquelas.

É um projeto político, pensado intelectualmente, com uma ação política, né? Então, é sobre isso. Ver esse espaço, esse Centro Cultural maravilhoso, cheio de caras pretas, pretos e pretes, isso é um projeto político de Lélia Gonzalez e de outras mulheres que, né,

Lélia plantou, e outras mulheres semearam, chegaram e fizeram com que nós, hoje, estejamos aqui, né? Então, esse é o meu maior aprendizado, que eu aprendi com Luiza Bairros, mas certamente que aprendeu com Lélia Gonzalez, que esse caminho, né, de transformação social... porque essa era a agenda, né? Que essa transformação social, ela não se dá sem o combate ao racismo e sem o combate ao patriarcado, né?

E que esse caminho não é um caminho que se faz só. Pelo contrário, né? Que esse é um caminho que se dá com as irmãs, com aquelas que vieram antes, com as que virão depois. Que esse caminho é coletivo, né? E eu fico pensando aqui, Maria Conceição, que a gente se conheceu num espaço também de afeto, né, porque era amiga de Luiza Bairros, e que dizia: “a minha amiga que trabalhava na Universidade Federal do Rio Grande do Sul”, né? Maria Conceição. Hoje, né, aposentada dessa universidade, mas era a referência negra desse espaço pra nós por muitos anos. Muitos e muitos anos. E eu aprendi com essas mulheres. E hoje, né... hoje, não, né?

Mas com 18, 19 anos, lendo produção de Lélia Gonzalez, eu lia e ouvia o que minha tia dizia pra mim enquanto criança, adolescente, porque é isso. Lélia Gonzalez foi a grande inspiração, né? E essa inspiração política, né, e intelectual também vem com um compromisso, e é um compromisso que ele é... como que eu posso dizer? Ele é inegociável, né? Então, lendo a trajetória de Lélia Gonzalez, né, que esteve em espaços políticos importantes e que, né, que têm a sua mobilidade quando aquele espaço rompe com essa questão política e ética, que era o combate ao racismo e ao patriarcado.

E esse legado de mulheres dessa geração, que conviveram, né, e que seguiram, é isso, né? É inegociável. Qualquer espaço que nós estejamos é inegociável. Porque eu ouvia muito a minha tia dizendo que esse espaço, quem me trouxe aqui foi o movimento social, foram mulheres negras, foi a população. Então, é com essas pessoas que eu tenho que ter o compromisso, né? E isso, Lélia Gonzalez ensina o tempo todo. Em 2000, Luiza Bairros escreveu um artigo que, pra mim, é um dos melhores artigos, é uma das maiores produções de Luiza Bairros, que é “Lembrando Lélia Gonzalez”, que é um texto publicado no artigo “Saúde das Mulheres Negras”, organizado por Jurema Werneck, né, em 2000, onde ela traz. E eu reli esse texto, né, e fiquei vendo, assim, como é marcante a presença de Lélia Gonzalez no nosso cotidiano.

E nesse texto, ela fala muito que Lélia Gonzalez, ela não marcava somente em sua produção teórica, textual, e sim que a sua produção vinha do corpo, da sua risada, né, do seu linguajar despojado, que vinha com várias expressões acadêmicas, que é o que tu trazes, né? Que o quanto que essa intelectualidade estava sempre próxima de todas pessoas. E que mesmo as pessoas militantes jovens sabiam, rapidamente e facilmente, o que era epistemologia, porque ela traduzia isso de uma forma que todas as pessoas compreendiam, né?

Então, hoje poder estar aqui celebrando Lélia Gonzalez, honrando e, de uma certa forma, agradecendo, né, que todos os passos, dados, e nós hoje estarmos aqui, é uma alegria, mas

é muito mais do que isso: um compromisso. E aí, pra finalizar, eu quero trazer um texto aqui, né, que eu aprendi com Luiza Bairros, mas eu tenho certeza que isso está é uma das grandes frases de Luiza Bairros, que nós somos herdeiras de uma luta histórica iniciada por muitas antes de nós. Então, estar aqui celebrando Lélia Gonzalez é isso. Muito obrigada.



Maria Conceição Lopes (Mediadora): Muito obrigada, Fernanda. Então, Jurema... tudo contigo.



Jurema Batista (palestrante): Ai, meu Deus! Olha, tá nessa mesa... eu tava falando hoje, que eu tô participando de todos seminários, e nenhum, assim, me deixou desanimada, assim, “ah, esse foi melhor que esse”. Não. Tem sido tudo no mesmo nível, sabe? É porque tem, na verdade, a gente tem, quando se fala de Lélia Gonzalez, a gente acaba igualando todos os seminários, porque sempre tem alguém que lidou com Lélia ou alguém que estudou sobre Lélia. Então, Lélia se faz presente.

Aqui hoje, assim, né, eu tô muito emocionada A história que a Miriam contou da mãe dela. Que história, gente. Não vou esquecer nunca, né? A gente tá aqui com a sobrinha de Luiza Bairros, sabe? Então... porque eu, Luiza e... a gente ficava na casa de Lélia. Quando a gente montou o Nzinga, o Coletivo de Mulheres Negras, a reunião pra organizar o estatuto foi tudo lá. E Luiza, ia também, aí dormia na minha casa, que era na favela do Morro do Andaraí. Sempre. Dormia no sofá da sala. Que a gente saía... hoje eu não bebo por problemas... porque eu sou alcoólatra. Tem que falar a verdade. Então, eu não bebo não é porque eu não quero, é porque eu não posso. Não posso tomar um go-linho, porque senão... vocês estão vendo a Heleninha? Ih, aquilo ali é pouco. Então, eu tenho até, assim, né, a sensibilidade que tá me tocando aqui, pra abrir para vocês uma coisa que seria deficiência se eu não tivesse, não soubesse profundamente o que é alcoolismo. E eu sei, e é uma coisa que vem da minha família.

Como foi falado aqui, né, meu pai era alcoólatra, minha mãe foi

alcoólatra, né? Meu bisavô foi alcoólatra. Todo dia de manhã tomava uma cachacinha, achava que era pra despertar pro trabalho pesado, que ele ainda trabalhava na roça, e eu também. Só que eu descobri com poucos anos... depois eu poderia até contar uma história engraçada, mas não vai dar tempo, não. Que tem a ver com Lélia. E aí eu descobri que eu tinha problema de alcoolismo, e entrei pro Alcoólicos Anônimos e parei de beber. Pronto. Nada contra quem bebe. Eu não posso, tá? Se você pode, bebe todas. Então, e no meu caso, eu tenho problema com alcoolismo, né? E a gente descobriu que é pra sempre. Não posso ir ao primeiro gole. Então, né, tem sido isso.

Então, Lélia entrou na minha vida como um furacão. Na verdade, eu até falei aí. Vou até poupar vocês, que vocês já viram o filme, como eu conheci Lélia, né? Numa palestra de intelectuais, falando... eu tava na universidade, toda boba, achando que eu era a rainha da cocada, tá? Porque eu era muito inteligente, eu sabia grego, eu queria ser professora de grego. Aí eu encontrei Lélia, minha vida mudou tudo, né? Teve um tiro também que mudou a minha vida. Aí eu fui mudando tudo, mudando tudo, né?

E Lélia me colocando o tempo todo nas questões, né? Todo lugar que gente ia falar alguma coisa, ela falava: “Jurema que vai falar”. Falar com Winnie Mandela, que teve no Brasil: “quem vai falar é a Jurema”. Encontro com o Mandela, na Apoteose: “quem vai falar é a Jurema, pelas mulheres”. Sempre ela... na verdade, ela indicava, e as pessoas acatavam, porque ela tava sabendo como conduzir com muita democracia. Porque a Lélia tinha uma coisa, assim, muito legal.

Ela conseguia ver pra cada um qual seria o talento. E ela falava: “Jurema, o teu negócio é falar, tá? Abre a boca e fala”. E aí eu não me fazia de rogada, né? Falava mesmo. Né? “Você é boa administradora”. Então, tem, assim... cada um tem o seu talento, né? Ninguém nasceu destalentado. Todo mundo tem o seu talento.

E Lélia descobriu em mim que eu tinha facilidade. Eu tenho facilidade. Eu fui vereadora três vezes, e deputada estadual. Eu

nunca li. Eu nunca li. Não tenho nada contra quem lê, mas eu nunca fiz um discurso lido. Depois eu pegava o Diário Oficial, falei: “caramba, eu falei isso?”. “Eu falei isso?”. Sempre brigando, né? Tava no Plenário, era sempre briga. Teve um dia que um resolveu acabar com o nosso feriado de Zumbi, que o Rio de Janeiro foi o primeiro a fazer, com proposta do vereador Edson Santos.

Aí, olha, eu tava no meu gabinete, era no terceiro andar. Peguei nem elevador – a época não tinha problema de joelho, né? Desci de escada. Cheguei esbaforida no Plenário: “questão de ordem”. Peguei a palavra, mas detonei com o homem. O homem chorou tanto. O homem chorou tanto, e ele veio dizer pra mim que era descendente de judeu, e que a família dele quase toda morreu no campo de concentração.

Eu falei: “então, por que que você quer acabar com a história do meu povo? Por quê? Por que que tá tentando acabar com a história do meu povo?”. Aí ele chorou, a gente se abraçou, ele me pediu perdão e a gente virou colega, tá? Amigo, não, mas a gente virou colega de Plenário. Colega.

Num outro momento, eu coloquei uma lei dizendo que tinha que ter 30% de negros no elenco em toda a programação da prefeitura que a prefeitura entrasse com dinheiro. Aí o cara veio pra mim: “ah, por que a gente não vai poder? Nem todas as histórias têm essa quantidade de negro”. Falei: “não tem problema, fala sobre o Burundi. Fala sobre Burundi, que lá tem negro à beça. Se não tem negro, então a prefeitura não pode bancar, porque eu também pago imposto”.

Olha, eu era assim. Agora: onde que Jurema aprendeu isso? Jurema, que chegou na faculdade com a tal da peruca, e que falaram que se eu não fosse pra reunião com Lélia, iriam arrancar minha peruca. Eu tive que ir correndo pra reunião, com medo de passar vergonha. Imagina, ver o meu cabelo, como eu tô falando? Naquela época, não era nem lace. Era peruca. Né? E eu fui obrigada a ir pra essa reunião.

Então, nessa reunião que eu fui obrigada, eu descobri que exis-

tia racismo no Brasil, que até então eu bebia no tal do mito da democracia racial. Lélia tirou uma venda dos meus olhos. Por isso que eu tenho uma gratidão à Lélia, por que quem seria eu, né, na fila do pão, se não tivesse encontrado Lélia Gonzalez?

Eu ia ser uma professora de grego frustrada, né, porque esse não era o meu chamado - porque cada um tem chamado, independente da religião que tu tiver, tá? Todo mundo tem um chamado. Se é o teu Orixá que te deu, se foi Jesus que te deu, todo mundo tem um chamado. E eu tinha o meu chamado, né? Não era dar aula de Literatura Grega, né? Apesar dos gregos próximos a nós, mas Literatura Grega, não.

Só sei que nessa história eu terminei a faculdade, e eu, que queria tanto fazer Grego, eu fiz... o meu TCC foi sobre “O Rio de Lima Barreto” - porque aí eu já entendia sobre alcoolismo, aí o Lima foi um alcoólatra. Aí sempre Sempre comparado com o Machado, mas ele acabou no hospício. O álcool levou Lima Barreto pro hospício. Foi esse meu TCC, que eu tirei 10, indicados pra publicação, piriri, pororó.

Mas se eu não conhecesse Lélia, eu era, né, mais aquela pretinha que achava, né, que eu sabia tudo, porque eu era muito inteligente, porque desde criança todo mundo dizia que eu era muito inteligente. Essa coisa do reforçar, né, a autoestima na criança. Todo mundo dizia: “Jurema é muito inteligente”, “Jurema é muito inteligente”, e por causa disso aí minha mãe não deixava eu fazer nada em casa, tá? Porque: “a Jurema é inteligente, a Jurema tem que estudar. Jurema tem que estudar. Deixa a Jurema estudar”. E eu estudava, né?

Ela trabalhava, às vezes, em casas de madames, e ela fazia um trato com as madames que é o seguinte: “eu venho, trabalho, durmo aqui com a minha filha... tipo, salário mínimo tá 1.500, 1.600? Tá. Eu ganho 1.000, e o resto é pra minha filha ficar comigo pra não fazer nada, tá? É só pra ela estudar. Pra não ficar lá no morro. Ela vai ficar aqui comigo, mas só pra estudar”.

Daí um dia ela chega e a patroa tava me ensinando a colocar a mesa. Gente, vocês não sabem o que aconteceu. Ela partiu

pra cima da patroa dela. “O que que você tá ensinando minha Jurema...”, ela me chamava de “minha Jurema”. “Tá ensinando a minha Jurema a montar a mesa?”, “ah, é pra ela aprender, porque um dia ela vai precisar”. “Vai precisar nada, que a minha Jurema não vai ser doméstica. Não vai”.

Porque minha mãe tinha sido doméstica, foi estuprada pelo filho do patrão, que, naquela época, principalmente, faziam iniciação sexual com quem? Primeiro com as mucamas, e depois com as filhas das empregadas. E a minha mãe, então, ela tinha muito medo de eu ser doméstica pelas humilhações que ela viu passar nas casas, e ela tinha sido estuprada com nove anos, ao chegar no Rio de Janeiro, pelo filho do patrão, né?

Agora, isso tudo, como é que foi que foi rendendo? Hoje contei até uma história que eu vi... numa casa que eu fiquei seis meses sem comer, porque minha mãe teve um problema de saúde, e aí eu descobri que isso, né, a FAO fez uma divulgação, que as mulheres ingeriam menos quantidade de calorias, porque os homens tinham prioridade na hora da distribuição da comida. Mas por que que eu aprendi isso? Porque um dia eu conheci Lélia Gonzalez, que primeiro me mandou pro Encontro Latino-Americano Feminista, no Peru, e depois disso eu fui parar lá na China, no encontro, Conferência da Mulher, que teve na China, aí eu ouvi falar disso lá e me lembrei da minha história.

Então, gente, Lélia, pra mim, ela, assim: tudo que eu não aprendi na faculdade, ela me ensinou. Porque na faculdade, eu aprendi muita coisa. Eu aprendi latim, aprendi grego, aprendi muita coisa, né? Fazer comparação, contestação, não sei o quê lá. Mas sobre ser negra, eu aprendi com Lélia Gonzalez. E aí isso mudou todo o meu percurso de vida. Mudou tudo.

Porque daí eu deixei de ser aquela pessoa, né, que vivia na verdade no anonimato, porque tudo o que eu queria fazer pra me encaixar, pra não ser negra... inclusive, a questão da mulher negra, o que é mais forte pra nós é a questão do cabelo, né? E de quem tem bunda, porque eu sou desbundada. Não tenho bunda, não? E a bunda, né? Assim, é a marca da mulher preta.

E eu não tinha o tal do cabelo bom, aspas, botava uma peruca, achava que tava bem, mas eu não tava bem na fita. Não tava. Fiquei bem na fita quando eu me assumi. Primeiro, eu comecei a usar trança nagô pra tirar, né, a peruca, e logo depois, com a Angela Davis arrebetando lá, eu comecei a usar o meu black power. E as pessoas falam assim: “não, cabelo de negro é ruim”. O meu cabelo não é ruim, não. Me acompanha há 66 anos, tá? Não tem caspa, não tem seborreia.

E quem tem é só cuidar. Tem dermatologista. No SUS, tem dermatologista, tá? Tem. Então, é só cuidar que o cabelo fica bom, igual o meu. Meu cabelo é bom, tá? Vem, não. Não vem dizer que o meu cabelo é ruim, não, que ruim são esses racistas que me fizeram passar pente quente no cabelo e que fritou minha orelha.

Depois, quando eu vi o filme do Malcolm X; vocês são muito novos, não devem ter visto. Quando eram duas fitas. Filme do Malcolm X, que ele colocou uma pasta na cabeça e ficou tão desesperado que teve que colocar no vaso pra tirar, né, aquele negócio que ardia daquele jeito. E a minha mãe fazia aquilo comigo, tadinha. Ela queria que eu ficasse feliz, né? Mas não adiantava. Nada dava. Tive que usar...

Com 15 anos, a minha mãe me deu uma peruca de presente. Porque nada dava. O pente queimava, porque eu ficava me mexendo. O pente queimava a orelha. Aí a pasta arrebetava o cabelo todo, né? Então, eu tive que dar de cara com Lélia Gonzalez para entender que eu sou black beautiful. Que preto é bonito. Porque a negona, a negona chegava. A negona chegava. Ela chegava, sabe? Parava tudo. Porque a mulher é bonita fisicamente, inteligente a dar de pau. Quando abria a boca, ninguém resistia. Eu me lembro que um dia eu cheguei... nessa época, ela ainda tava no PT. A nossa convenção tinha sido na ALERJ, um espaço bonito, grande, que hoje até virou um museu. E a Lélia tava lá em cima, no púlpito, falando. Falei: “gente, que mulher é essa?”. Eu já conhecia ela já dessas andanças. Mas quando eu a vi falando pra aquela brancaída que tava lá, babando a Lélia, e muitos com raiva, né - porque ela fez uma

defesa na convenção, e dentro da defesa que ela fez na convenção tinha questão racial, porque a esquerda não gostava.

Hoje até tá falando, mas a esquerda, naquela época, achava que a gente era divisionista. Né? Então, a Lélia, com aquele discurso potente, pessoal babando, “meu Deus”, falei. “É isso”. Saí de lá tão braba que um cara passou na rua e mexeu com uma amiga minha, com a Lili. Quase bati nele. Falei: “tu não vem, não, hein? Tu não vem, que tu também não vai dar chicotada na gente, não”.

Enfim, a gente aprendeu história do Brasil com Lélia; a gente aprendeu pretuguês com Lélia; a gente aprendeu do lugar de negro, que é onde a gente quiser estar. A gente aprendeu tudo com Lélia, gente. Ontem eu fiz um podcast com duas jovens negras. Falei: “tudo que ela tá falando aí, gente, não tem novidade”. Uma gracinha. Duas meninas novas, graciosas, falando... falei: “tudo isso ela nem sabe de onde que ela pegou”. Porque essa coisa é assim, né? Vai correndo. A pessoa nem sabe de onde que ela tá falando. Falei: “tudo que elas estavam falando naquela palestra que eu fiz com elas, tudo que a Lélia já falou”. Então, isso que alguém falou aqui, que a Lélia tá sendo até mais reconhecida agora, porque na nossa época de faculdade a gente não estudava a Lélia, agora pelo menos uma vez por mês vai alguém lá em casa, que tá fazendo doutorado - e agora eu faço tudo da minha casa. “Vamos lá em casa”. “Ai, eu queria fazer uma palestra...”, “vamos lá em casa, então. Vamos lá em casa. A gente faz um cafezinho básico, né?”.

Mas Lélia também fazia isso comigo, me levava pra casa dela. Muitos estudantes que estão se formando, gente, têm muita produção acadêmica falando de Lélia. E isso é uma coisa, assim, sabe? Que a gente nem pensava há 40 anos atrás que ia acontecer isso, esse boom. Tá tendo um boom, né, do pensamento de Lélia Gonzalez, e eu fico muito feliz de ter acompanhado essa mulher, né, na parte da vida dela - nessa parte, principalmente, em que ela acabou criando contexto pra que nós pudéssemos falar. Pra que nós tivéssemos, hoje, lugar de fala. Como é que ia ter lugar de fala se eu achava que até meu cabelo era feio?

Como é que gente feia vai ter lugar de fala? Não tem. Não tem. Gente feia... e quem é gente feia? Gente feia é gente que não está enquadrado no padrão de beleza da branquitude. Ah, não é? Então, eu era feia. Como é que eu ia falar?

Mas aí, quando Lélia chega com aquele cabelo dela vermelho, eu falei: “gente, a mulher é toda diferente”. E aí, na hora, eu impliquei. Falei: “agora essa mulher com cabelo vermelho, agora veio aqui dizer pra mim que...”. Fiquei com raiva. Fiquei fazendo mimimi. “Agora vem essa mulher com esse cabelo vermelho, dizer que tem racismo no Brasil. Onde ela inventou isso?”. Mas daí, minha filha, o bichinho me mordeu. Aonde ela ia, eu seguia. É isso que eu falei. Eu seguia. Hoje, Lélia está na OAB está no IPCN”, que é praticamente a nossa CUT, né, no Rio de Janeiro.

Lá ia Jurema atrás. Aí fiquei grudada nela. Fiquei amiga, né? Frequentava a casa. Eu, Luiza também, várias vezes a gente teve junta lá, e assim foi, né? Fui pro MNU quando a Luiza foi a diretora, né, nacional. Eu tava na chapa junto com ela, fomos eleitas, e é isso. Quem me levou pro MNU? Lélia Gonzalez. Ela me levava pra tudo. Nzinga? Lélia Gonzalez, né? O IPCN, não. Mas aí depois outras entidades também. E é isso, gente. Assim, o bom de tudo é que a ideia de Lélia está mais viva do que nunca. Apesar de, fisicamente, ela não estar entre nós, a memória dela está, e a tendência, pelo que eu tô vendo, esse monte de gente que tá indo lá em casa fazer entrevista comigo... falei: “gente, tá crescendo”. Que bom. Que bom, né, que a gente vai ter uma coisa que entra pros anais da nossa história como uma pessoa que construiu, uma pessoa que fez outras pessoas seguirem uma linha antirracista.

E é isso... que ontem eu falei na palestra que eu fiz, foi isso que geraram as cotas, tá? Porque se não existisse racismo, pra que que tinha que ter cota? Só pôde ter cota nesse país, que trouxe uma negrada pra universidade, pro mercado de trabalho do Governo Federal, Municipal, porque a gente desmascarou, desmontou o mito da democracia racial. E a gente deve isso, principalmente, à Lélia Gonzalez, que foi incansável nessa luta de quebrar esse mito da democracia racial. Boa noite.



Maria Conceição Lopes (Moderadora): E agora teremos um minuto e meio pra a plateia fazer manifestação, porque depois tem que ter a resposta e a despedida das pessoas que fazem parte dessa nossa roda de conversa. Venha cá, diga seu nome, se apresente.



Tuila (Plateia): Agô a todas as pessoas. Boa noite. Eu sou a Tuila, cria da restinga, mãe da Zuri Malum, atualmente doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos, pela Federal da Bahia, e só conheci o pensamento, a obra de Lélia Gonzalez, em 2019, através do Coletivo Atinúk, sobre o pensamento de mulheres negras - que tá com inscrições abertas, mulheresnegras@atinunke -, que, hoje, eu felizmente componho enquanto gestão, né?

Hoje, e nessa trajetória acadêmica, pesquisando sobre o pensamento de mulheres africanas, mas também conhecendo, né, necessariamente o pensamento de mulheres negras especialmente no Brasil, um pouco dos Estados Unidos, um pouco da América Latina, né? Vamos assim dizer. Eu vejo na Lélia Gonzalez uma mulher pan-africanista, mas esse é um aspecto que não costuma ser muito evidenciado da vida e da obra da Lélia Gonzalez.

Então, a minha pergunta - ou a minha colocação, vamos assim dizer -, eu gostaria de saber... de conhecer mesmo, né, um pouco mais. De tantas viagens que a Lélia fez - não só ao continente africano, mas me interessa mais as viagens dela ao continente africano, né -, o quanto que ela levou e trouxe desse movimento.



Rubens Rufino: Oi. Bom, gente, eu queria aproveitar o fato de estar aqui porque, como a gente disse, militância, ela acontece todos os dias, né? Em todos os locais.

Só pra contextualizar rápido pra vocês, no dia primeiro de fevereiro nós fizemos a festa de 90 anos da minha mãe no MUHCAB, que é o Museu da História da Cultura Afro-Brasileira, na

pequena África, no Rio de Janeiro, que é o local onde havia o Cais do Valongo, onde chegou o maior contingente de africanos no Brasil.

E aí, no conversa vai, conversa vem, eu tive a oportunidade de conhecer a biblioteca do MUHCAB, como também a bibliotecária. E numa conversa que eu tive com ela, eu ouvi uma coisa que me deixou não assustado, não me causou espanto - porque eu sei que é o cenário brasileiro -, mas me causou indignação.

Vocês acreditam que, no Rio de Janeiro, somente 2% do acervo das bibliotecas são de autores e autoras negros e negras? Dois por cento. E a gente tá no MUHCAB, Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira. Aquilo me deu uma coceira, falei: "porra, vou dar uma de militante". O que que eu fiz? Eu cá pensando, bateu a luz - como diria a minha mãe -, deu uma sacada, e aí eu falei com duas editoras. Vou citar o nome: Zahar, que é Companhia das Letras; e Boitempo. Consegui, com eles, que doassem - autores e autoras negros pro acervo do MUHCAB, como de contos infantis, pro acervo do MUHCAB. Gente, pode ser 10, 15, 20. Isso, economicamente, é impacto zero pras editoras. Nada.

Mas isso tem um significado muito forte pra biblioteca, pras crianças daquela área que forem visitar a biblioteca. Eles vão ter a referência de autores negros pra eles estudarem, pra eles lerem. Então, aproveitando que a gente tá numa universidade... ouvi tantas coisas bonitas aqui. Gente, aproveita e façam isso aqui no Rio Grande do Sul, no Paraná, sabe? Em Santa Catarina. Onde vocês tiverem essa oportunidade, tiverem a circulação, vamos ajudar isso. Vamos fazer esse trabalho, que é muito importante pra nós e pras crianças, principalmente. Era isso. Valeu, gente.



Maria Conceição Lopes (Moderadora): Jurema, vamos começar por ti. Tu fala, responde a Tuila, e já vai te despedindo.



Jurema Batista (Palestrante): A vontade é de ficar aqui a noite toda, né? Pra companheira que falou sobre as relações de Lélia, o pan-africanismo. A Lélia, ela viajou, né, várias vezes pra África. A gente tinha esses registros. Quando ela ia, inclusive, ela sempre devolvia pra gente. Lélia foi pra Angola, Lélia foi pra Guiné-Bissau, Lélia foi... e ela tinha uma relação com os negros americanos, tá? Então assim, ela... é porque, assim, é isso que a gente tá falando aqui. Quem foi que registrou?

Eu vou voltar a falar das redes sociais. Naquela época, a gente não tinha Instagram, não tinha Facebook. Quem sabia que Lélia foi lá e o que que ela foi falar? Só quem tava muito próximo dela. Porque, fora disso, a gente... a luta que a gente travava era muito forte. Era uma luta contra os brancos, contra os homens - infelizmente, por isso a gente criou o Nzinga, Coletivo de Mulheres Negras, também contra os homens negros, né? Que... nem vou dar detalhes, mas assim, terminava a reunião, eles faziam uma outra reunião, inclusive com mulheres, pra detonar a gente, galera. Não foi fácil.

Essa luta, assim, os bastidores da nossa luta, que nós vivemos - eu, Lélia, Luiza e outras pessoas que temos lá no Rio de Janeiro...inclusive uma amiga que desapareceu. Era do Nzinga. A gente tinha brigas, assim, homéricas, sabe? Teve reunião que companheiro tentou bater em companheira em reunião aberta, né? Foi por isso que a gente criou o Movimento de Mulheres Negras. Porque tinha hora que não dava. Competir com a força física, até com a intelectualidade que eles também tinham, mas que tinha a questão, né, também do machismo contra nós, mulheres negras.

Então, aí é por isso que eu digo. É difícil que a gente tenha... e aí esse resgate, por exemplo, que você tá falando, a gente não tenha. Talvez Rubens pode conseguir, né, com as fotos. Com certeza, ele deve ter esse material das viagens que ela fez. No mais, quero desejar a todos uma feliz noite. Quero que a gente saia daqui mais inquietos do que chegou. Porque comigo aconteceu isso. Eu saí daquela reunião com Lélia inquieta. Falei: "mas o que fazer?", né?

Primeiro, eu neguei. Primeiro... e hoje aqui com certeza não é uma reunião assim, né? Porque essa reunião, na verdade, não era pra eu ter ido. Era uma reunião de brancos de uma universidade católica do Rio de Janeiro, né? Mas porque o meu amigo negro era de lá, né, do CA de História, ele me convidou. E eu fui, né, meio que amarrada, mas fui. E se fosse hoje, eu diria que foi assédio. Como é que vai dizer que vai arrancar minha peruca assim? Ia denunciar de assédio. Mas, olha, mas foi a melhor coisa que a pessoa fez na minha vida: me apresentar à Lélia Gonzalez.

E olha, gente, continue conhecendo Lélia, porque tudo que vocês ouviram aqui e tudo que vocês leram ainda é muito pouco pra chegar à estatura dessa mulher. Ainda é muito pouco. Estudem mais, procurem mais, sabe? Porque a partir daí, inclusive, a gente vai gerar mais produtos. "Fulano de tal escreveu sobre Lélia Gonzalez", "fulano de tal fez o TCC", "fez...", então isso tudo gera mais material para que as pessoas venham pesquisar. Então, não vamos deixar, como diz a Alcione, não deixe Lélia morrer, né? Ela fala: "não deixe o samba morrer".

Não deixe Lélia morrer. A cada dia que gente falar dela pra uma criança, falar dela pra um estudante, falar dela pra qualquer pessoa, a gente tá plantando a estrela de Lélia Gonzalez. Pra todos nós, boa noite.



Fernanda Bairros (Palestrante): Pra se despedir? Agradecer por essa oportunidade de estar ouvindo mais e mais, e aprendendo mais e mais sobre Lélia. E feliz aqui, né, que também os meus alunos da Saúde Coletiva se fazem presente nesse seminário, né? E que esse conhecimento seja perpassado aí para outras pessoas e outras gerações também. Obrigada, uma ótima noite, e viva Lélia Gonzalez.



Miriam Fraga (Palestrante): Bueno, eu quero ler um manifesto do BB Black Power. "Quando refletimos sobre a impor-

tância de Lélia pra um grupo como o nosso querido BB Black Power, percebemos que ela não só nos deixou um legado teórico e intelectual, mas também uma prática diária de resistência, de afirmação da nossa identidade e da nossa dignidade.

Lélia nos ensinou a não aceitarmos os lugares que a sociedade nos impõe, mas ocupar espaços, a ser visíveis, e a lutar pelo nosso lugar no mundo com orgulho e coragem.

E é isso que fazemos diariamente em nosso grupo. Unimos força e coragem para propor um ambiente de trabalho digno e onde possamos nos desenvolver em posição de igualdade”. Gente, eu sou fruto das políticas públicas. Eu sou fruto das políticas sociais implantadas nos governos do PT.

Gente, a educação é o caminho pra liberdade. Nos ensinaram erroneamente que o caminho pra liberdade é ter dinheiro, é ter posses, é ter posição, mas sermos educados e aquilombar é necessário. Aquilombar é acolher. Aquilombar é educar. Obrigada.



Maria Conceição Lopes (Moderadora): Quero agradecer a todas as participantes desta mesa, e que coube a mim tá fazendo a mediação. Pessoal, todo mundo vai sair daqui com um gostinho de: “Lélia, quero mais”. E também dizer: Lélia, muito obrigada por tu abrires o caminho; por tu seres a fortaleza que tu foste. E que nós, quando estamos aqui, quando estamos nos nossos diferentes espaços de aprendizado, a gente leva pra lá o nosso conhecimento, a gente quer... como diz o patrono da educação brasileira, né, que nós temos que olhar para o Sul, nós temos que sulear. E olhar para o Sul é olhar para a África, que todas as pessoas sabem, foi o continente... é o continente mais antigo, e tem toda uma história que traz - não só a história das negras, como nós, queremos também dos indígenas. Então, suleando, suleamos com Lélia Gonzalez nessa noite de hoje. Obrigado, gente.

2º DIA – 9.ABRIL.2025

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas” Porto Alegre, RS

Convidada
Flávia Rios



Socióloga, professora e pesquisadora da UFF. Atualmente, diretora do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. É coautora do livro Lélia Gonzalez (Summus, 2010) e coorganizadora dos livros Negros nas Cidades Brasileiras (Intermeios / FAPESP, 2018) e por um feminismo afro-latino-americano (Zahar, 2020) e Raça e Estado (Eduerj, 2022), e do Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas (Perspectiva, 2023).

Mediadora
Nina Fola



Mestra e doutoranda em Sociologia (UFRGS), pesquisadora sobre tradições afro-brasileiras, racismo e políticas para a população negra. Co-fundadora do Coletivo Atinúkê e da OSCIP Africanamente. Multiartista e produtora cultural.

Convidada
Winnie Bueno



Bacharela em Direito, consultora ESG e doutoranda em Sociologia na UFRGS. Especialista em gênero, raça e teoria crítica, atua em advocacia internacional e políticas públicas para equidade racial. É autora dos livros Imagens de Controle e Por que você não acredita em mim?

Convidada
Priscila Aguirres



Dirigente sindical, Bancária do BB, mestra em Ensino de Matemática. Membro do BBBLACK Power, grupo nacional auto-organizado dos funcionários pretos do BB.

PAINEL II

O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua contribuição para a Educação

FALAS DE ABERTURA



Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): Eu espero que todos aqui tenham apreciado o documentário tanto quanto eu. Foi uma verdadeira honra e um momento de profunda reflexão sobre a vida e o legado da nossa homenageada. Que possamos levar adiante os ensinamentos e a inspiração que vimos hoje. Continuemos a honrar e a celebrar a memória de Lélia Gonzalez em nossas ações cotidianas, lutando por um mundo mais justo e igualitário. Em homenagem aos 90 anos do nascimento e 30 anos do falecimento de Lélia, o “Projeto Memória” resgata a vida e a obra da escritora e ativista em uma série de atividades itinerantes. A iniciativa, que começou em Salvador, em maio, já passou por Belo Horizonte, São Luís, Brasília, Rio de Janeiro, e estreia aqui em Porto Alegre, seguindo para Belém, em maio, com exposições e seminários que refletem sobre a luta antirracista e antissexista, até junho de 2025.

O “Projeto Memória” é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. A Fundação Banco do Brasil, instituída em 1985, pelo Banco do Brasil, tem em sua nova estratégia o propósito de promover caminhos para a transformação social e relação sustentável com a natureza.

E a realização do projeto, em homenagem à Lélia Gonzalez, remete aos princípios do respeito cultural e ao valor da diver-



sidade. E a temática trabalhada na obra de Lélia abrange questões essenciais a grupos integrantes dos públicos priorizados pela Fundação Banco do Brasil.

Antes de iniciarmos os diálogos, queremos agradecer à Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, ao Instituto Memorial Lélia Gonzalez, e à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo valioso apoio ao “Projeto Memória”. Convidamos neste momento, para uma breve fala, o filho da nossa homenageada, o senhor Rubens Rufino. Aplausos pra ele.

Rubens Rufino: Boa noite, minha gente. Opa, legal. Bom, primeiro eu quero fazer uma denúncia. Qual o motivo do riso? É que ontem eu sofri bullying quando saí daqui, só pra vocês saberem. Bem, gente, hoje eu vou falar de uma coisa que é preciso ser falado. Eu vou escurecer um assunto que é desvirtuado por algumas pessoas, não é entendido por outras pessoas. Muito bem. O porquê de Lélia de Almeida Gonzalez, Lélia Gonzalez?

Minha mãe conheceu o pai Cal, o Luís Carlos Gonzalez, na faculdade, na antiga UEG, que é a Universidade do Estado da Guanabara, hoje UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ele, um homem branco, se conheceram. Houve uma paixão avassaladora. Ele se tornou o grande amor da vida dela, e ela se tornou o grande amor da vida dele. E eles começaram a namorar. E aí, a primeira coisa que aconteceu é que a família dele, principalmente a mãe, não aceitava esse relacionamento - vale dizer que por causa do racismo, porque ela era uma mulher preta. Enquanto tavam namorando, que acho que na cabeça da mãe dele... eu, desculpa o termo, mas ela servia... quer dizer, ele a comia, então tava tudo bem. Enquanto tava assim, era maravilhoso pra cabeça da mãe dele.

Só que chegou o momento, pela afinidade, pela relação, pelo amor, pelo companheirismo, pelo projeto de construção que eles tinham juntos, eles casaram, e ela passou a ter... casaram

no papel, no cartório, então o nome dela passou a ser Lélia de Almeida Gonzalez. Quando a mãe dele soube, foi uma coisa horrível. Ela foi contra. Foi, assim, uma pressão enorme em cima dele. E aí, nas conversas... isso eu tô falando de depoimentos que ela me fez. Ele, principalmente, começou a mostrá-la as faces do racismo.

Ela, com menos de 30 anos, começou a perceber as faces do racismo de forma cruel. Não era aquela coisa da “neguinha da escola”. Era muito mais do que isso. E aí, eles levaram adiante o casamento, se gostando, em 63. E em 65, aconteceu uma tragédia. O pai Cal foi-se. Eu me lembro... assim, eu era muito novo, eu tinha três anos, e ele... assim, os spots que eu tenho de lembrança, eu era muito pequeno, era de um amor que ele tinha por mim absurdo. Ele brincava, ele rolava comigo no chão. Todo o tempo que ele tava em casa e tava comigo, era brincando, fazendo brincadeiras comigo. Eu lembro que ele tinha uma coleção de espadas, eu nem sei onde foi parar isso, e por questão de segurança ele não brincava comigo com as espadas, ele só me mostrava. Aí ele fazia espadas de madeira e a gente ficava duelando.

E aí, em 65, ouvi, de forma trágica, a partida de pai Cal. Isso aí são histórias que me contam. Eu não tenho essa lembrança viva na minha cabeça. Eu perguntava: “cadê meu pai Cal? Cadê o pai Cal?”, “ah, o pai Cal viajou”, “ah, o pai Cal foi pro céu”. Eu só soube da forma trágica que ele partiu quando eu tinha 18 anos, que minha mãe me chamou pra conversar. Pra vocês verem a relação que nós tínhamos. E aí, chegou ao ponto da mãe dele culpar a minha mãe pela partida dele. Então, foi uma coisa dilacerante. Muita dor pra ela. Muita dor.

Ela se isolou, foi pra Barbacena, ficou uns dias em Barbacena pra conseguir segurar. Você imagina uma mulher de 30 anos perder o amor da vida dela de forma muito trágica por conta do racismo? Porque ele não conseguiu segurar a barra. Na verdade, foi isso. O pai Cal não segurou a barra. E aí, o que que Lélia fez? Por uma questão de resistência e reconhecimento ao grande amor da vida dela, ela manteve o Gonzalez, passou

a se denominar Lélia Gonzalez. Algumas pessoas devem perguntar como é que pode uma mulher que luta contra o racismo, é uma ativista, manter o nome do colonizador? Ele, o pai Cal, não foi colonizador pra ela. Foi o homem que mostrou o racismo da pior forma que a gente pode sofrer o racismo, que é pessoalmente. É dentro do coração da gente. É dentro do nosso sentimento.

E ela, com muito orgulho, orgulho e resistência, resolveu manter “Gonzalez”. E ela tem esse nome, Lélia de Almeida Gonzalez. Com muito orgulho, ela manteve esse nome, “Gonzalez”. Então, eu fiz... quer dizer, pensando, conversando com algumas pessoas, acho importante fazer esse escurecimento pra que vocês consigam entender, porque às vezes a gente fica com elucubrações, sem saber, de fato, o que aconteceu. E a gente, às vezes, precisa... eu tô tentando fazer com que haja uma apuração, pra vocês entenderem o porquê do Gonzalez. Não é tá dando força pro colonizador, não. Tá dando força pro homem da vida dela, que foi muito importante e foi, inicialmente, que mostrou o que que é o racismo, e vocês, depois, eu não preciso falar da trajetória de vida dela. Entendeu?

E é isso que eu queria falar com vocês. Como hoje a gente tá se despedindo, e eu tô me despedindo de Porto Alegre. Muito obrigado, Porto Alegre, pela acolhida. Tive momentos maravilhosos. Hoje, eu tive a oportunidade de conhecer uma escola que tem um trabalho antirracista com adolescentes, com Ensino Médio. Eu fiquei, assim, extasiado com a capacidade e a potência dessas crianças - que, pra mim, é criança. E ver que, assim, o trabalho, principalmente dos profissionais da educação que fazem esse trabalho com eles, o que eles conversaram comigo, as ideias que nós trocamos... E tomara que isso sirva de exemplo pra que outras unidades escolares façam o mesmo, que é muito bonito. E assim, ficou latente, percebi no olhar deles, na colocação deles, que eles têm essa sede e gostaria que isso fosse... sentem orgulho de tá numa escola que faz isso. Então, eu até disse: cobrem, provoquem os seus coleguinhas que estudam em outra escola, que... cobrar da professora, dos pro-

fessores, pra que eles também implementem esse tipo de estudo, né? Então, é isso que eu queria falar. Agradecer à Fundação Banco do Brasil, à AACIC e, principalmente, uma pessoa que eu tenho dentro do meu coração, que é a mulher branca mais preta que eu conheço, que é a Schuma. A Schuma que provocou essa homenagem, o “Projeto Memória Lélia Gonzalez”.

Em 2013, iniciou o projeto. Teve a primeira versão em 2015, que foi muito boa. Foi uma forma de a gente difundir o legado de Lélia. Ao pessoal da AACIC, aqui meu querido amigo Cléo; a Flávia, que tá aqui conosco hoje; a Carla, principalmente, Carlinha, que de vez em quando eu encho muito o saco dela, mas enfim. Muito obrigado à universidade, ao estado do Rio Grande do Sul, enfim. E principalmente a vocês que tão aqui, prestigiando esse momento de tantas histórias bonitas, e que isso sirva... que a trajetória da minha mãe seja sempre a motivação pra vocês continuarem nessa luta árdua que a gente tem contra o racismo e contra o sexismo. Lélia Gonzalez vive. Valeu.

Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): Antes de iniciarmos os nossos diálogos, queremos agradecer à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, ao Instituto Memorial Lélia Gonzalez e à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse momento, convidamos a representante da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, senhora Flávia Silva, para uma breve fala.

FALAS INSTITUCIONAIS

Flávia Silva (representante AACIC): Boa noite a todas e todos. É com imensa satisfação que eu estou aqui representando a Associação Amigos do Cinema e da Cultura, a AACIC, associação que é um grupo de amigas e amigos apaixonados pelo cinema, pela cultura e pela democracia. Um grupo que se converteu em uma ferramenta de transformação social, levando o artista, o escritor, o poeta onde o povo está.

Assim, é uma honra me dirigir a vocês nessa noite especial, em que o “Projeto Memória Lélia Gonzalez - Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas” chega à cidade de Porto Alegre. Já estivemos em Salvador, Belo Horizonte, São Luís, Brasília e Rio de Janeiro, alcançando, até o momento, um público de mais de 25 mil pessoas. E eu gostaria de destacar que entre esse público, mais de 10 mil alunos, reafirmando uma das missões da AACIC: promover o debate e a conscientização sobre os aspectos fundamentais da sociedade brasileira e mundial, proporcionando aos estudantes e à sociedade a possibilidade de reconhecer e conhecer a história, para que os erros não se repitam e para que avancemos de forma mais justa, mais fraterna e igualitária. E como nos diz o poeta Pedro Terra, para que nós não abdicuemos da capacidade de pensar.

O projeto teve também um grande alcance nas redes sociais - Instagram, Facebook e TikTok -, ultrapassando a marca de 1 milhão de visualizações. E se vocês ainda não nos seguem, esse é um bom momento para começar.

Muito obrigada, Rio Grande do Sul, um estado em reconstrução. Estamos aqui também com o intuito de colaborar com a reconstrução, investindo no mais valioso capital de uma sociedade: o capital humano. Não há resistência sem cultura. Ainda estamos aqui, resistindo, lutando pela democracia e contra a impunidade. E ganhando Oscar. Viva o cinema brasileiro, viva a cultura brasileira, viva a história e a memória de Lélia Gonzalez. Muito obrigada.

Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): Representando a Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, convidamos para sua fala a senhora Luana Rodrigues dos Santos, chefe da divisão.

Luana Rodrigues (participante convidada): Obrigada. Olá, boa noite a todas as pessoas. Eu sou a professora Luana. Estou muito feliz em estar aqui representando a Secretaria da Educação nesse projeto muito lindo. Primeiro, eu quero agra-

decer o senhor Rubens por ter ido à escola Francisco Caldas Júnior, foi um momento muito emocionante pra nós. Hoje, essa semana, eu tava muito agitada. Meus colegas falaram que eu tava ligada no 330, né? Justamente porque eu tava muito nervosa com esse dia. E agora, assim, eu tô mais calma, e não consigo acreditar ainda que tudo isso tá acontecendo, né? E ver as meninas lhe entrevistando, nossa, eu fiquei, assim, muito emocionada, porque certamente isso vai fazer muita diferença na vida delas. E eu agradeço muito. E também quero lhe dizer que o senhor já faz parte da implementação da nossa escola. E Lélia também. Muito obrigada.



Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): O presidente da Fundação Banco do Brasil, o senhor Kleyttton Moraes, gostaria de agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na pessoa da senhora pró-reitora de Extensão, Patrícia Xavier, e toda a equipe do Centro Cultural da UFRGS, na pessoa da diretora Lígia Petrucci, pelo importante apoio e parceria nesse evento. Também agradecer a todos e todas presentes nesse seminário, mas, por motivos de força maior, ele não pôde estar presente nessa noite.

Gostaríamos de agradecer também a presença ilustre do deputado Matheus Gomes aqui. Além dos seminários, o “Projeto Memória” apresenta uma exposição com 18 painéis históricos que registram a vida e a obra da escritora. A mostra ficará aberta à visitação do público até 16 de maio, no Espaço Paineira, nesse Centro Cultural.

A exposição também receberá a visitação de alunos ao longo do período, com a disponibilização de transporte gratuito, para conhecer a trajetória da intelectual.

Nessa segunda noite de seminário, temos a honra de contar com a presença de professoras, escritoras e estudiosas do pensamento e contribuições de Lélia a partir de suas análises sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo na sociedade brasileira.

FALAS DO SEMINÁRIO

A temática do painel dois é intitulado “O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e Sua Contribuição para a Educação”. Gostaríamos de convidá-las ao palco desta noite. Mestra e doutora em Sociologia pela UFRGS, pesquisadora sobre Tradições Afro-Brasileiras, Racismo e Políticas para a População Negra, co-fundadora do Coletivo Atinúk e da OSCIP Africanamente, multiartista e produtora cultural, nossa mediadora da noite, Nina Fola. Dirigente sindical, bancária do Banco do Brasil, mestre em Ensino de Matemática, membro do BB Black Power, grupo nacional auto-organizado dos funcionários pretos do Banco do Brasil, Priscila Aguirres. Nossa próxima palestrante é bacharel em Direito, consultora e doutoranda em Sociologia, na UFRGS. Especialista em Gênero, Raça e Teoria Crítica, atua em Advocacia Internacional e Políticas Públicas para a Equidade Racial. É autora dos livros “Imagens de Controle” e “Por que Você Não Acredita em Mim?”, Winnie Bueno.

E para finalizar o nosso time de hoje, ela é socióloga, professora e pesquisadora, atualmente diretora do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense. É coautora do livro “Lélia Gonzalez”, e coordenadora dos livros “Negros na Cidade Brasileira”, e “Por Um Feminismo Afro-latino-americano”, e “Raça de Estado”, e no “Dicionário das Relações Étnico-Raciais Contemporâneas”, Flávia Rios. E é vendo esse belíssimo quadro que eu passo a condução desse seminário pra nossa mediadora, Nina Fola.

E antes de mais nada, queria também citar a presença ilustre da vereadora de Porto Alegre, Grazi Oliveira, que também está aqui conosco. Pode começar, Nina.



Nina Fola (Mediadora): Meu canto é Nagô. Congo banto. Num batuque negro. Toco pra Xangô. E o Babalaô. Me mostra os caminhos. Agô, agô, agô a todos. Com licença. Com licença, obrigado.

Cantar um pouquinho pra reverenciar, né, essa grande personalidade, né? Essa grande ancestral que tá aqui junto com a gente. A gente fica nervosa, né? É um prazer, é uma honra. “Fola” significa aquela que conduz honra e riqueza, e pra mim é uma honra tá aqui junto com a professora - já fui aluna dela, ela nem sabe, nessas épocas de aulas na pandemia. Eu vou abrir aqui com a minha fala. Que eu fiquei pensando um pouco sobre esse tema, né, o pensamento decolonial de Lélia na educação, né? O quanto é esse poder de, a partir dessa denúncia que Lélia faz à sociedade, da necessidade de refletirmos e tratarmos com seriedade o que o racismo e o sexismo.

Sua benção. Axé. Então, tá. O pensamento de Lélia Gonzalez dialoga profundamente com várias áreas do conhecimento, de forma crítica, a partir de teorias. Teorias críticas, mas também das relações do trabalho; feminismos; a interseccionalidade, né, que hoje a gente fala tanto, mas que não era uma palavra... a partir dos escritos dela; dos movimentos políticos; dos movimentos sociais. E sempre foi com o objetivo de questionar essas bases estruturais que o racismo se ergue na nossa sociedade, é a forma como ele molda as relações sociais, econômicas e epistemológicas.

No campo da teoria crítica, por exemplo, em sua essência, que busca desvelar estruturas do poder de dominação, que estruturam esses sistemas opressores, ela foi contundente. Nesse sentido, as suas reflexões sobre esses pontos, incluindo o epistemicídio, complementam e ampliam o horizonte crítico de nós todas e todos ao destacar como o racismo não é apenas uma manifestação cultural - algo, né, que possa ser visto como lúdico -, mas, sim, um mecanismo profundamente enraizado nas instituições de trabalho, de educação, de cultura e de produção de conhecimento do Brasil e das Américas.

No campo do trabalho, as contribuições de Lélia Gonzalez podem ser articuladas para discutir a marginalização das populações negras e femininas nos mercados formais e informais. O racismo estrutural e o sexismo perpetuam condições de exploração e exclusão, que afetam desproporcionalmente essas

populações, tornando necessário um olhar crítico que reconfigure práticas e políticas laborais.

Ao resgatar a ancestralidade negra como fonte de saber e resistência, Lélia também sugere formas de revalorizar os conhecimentos e habilidades tradicionais que foram historicamente deslegitimados. No feminismo, o pensamento de Lélia González se insere em um feminismo que articula raça, gênero e classe como dimensões indissociáveis de opressão. Ela denuncia o racismo presente em correntes femininas e hegemônicas, e propõe um feminino afro-latino e americano como forma de resistir e transformar.

Essa abordagem se alia a teorias críticas ao rejeitar a neutralidade das estruturas de poder, e ao afirmar que é impossível alcançar uma sociedade justa sem enfrentar as hierarquias raciais e de gênero. Assim, a articulação entre teoria crítica, trabalho, feminismo, guiada por Lélia Gonzalez, aponta para uma educação que não apenas informa, mas também forma para a transformação.

Uma educação que valorize saberes ancestrais, questione as hierarquias de poder, e empodere as populações historicamente marginalizadas, abrindo espaço pra um verdadeiro avanço social. A partir dessa breve provocação, moças, companheiras, eu abro pra fala de cada uma.



Priscila Aguirres (Palestrante): Obrigada, pessoal. Eu venho falando a respeito, representando o BB Black Power. É um grupo auto-organizado de funcionários pretos e pardos do Banco do Brasil. Uma organização que começou pela incomodação de alguns colegas - que eu entrei recentemente, eu acho que ano e meio, dois.

Mas pela incomodação de a gente não se enxergar, né? Então, hoje é um grupo que tem em torno de 800 integrantes no país, que é pouco. Aqui no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, a gente tem 14 membros. Então assim, funcionários e pretos e pardos do Banco do Brasil, em Porto Alegre, nós temos em

torno de 14. Então, é muito importante estar dentro de um grupo onde a gente se enxergue e onde a gente possa compartilhar nossas dores.

Eu acho que fazendo uma ligação entre o trabalho da Lélia Gonzalez de trazer pra nós a reflexão sobre isso, do espaço em que a gente quer estar, e que nos é negado. Então assim, quando eu entrei no banco, a primeira coisa foi alisar o cabelo, uma base mais clara pra se tornar mais aceitável. Então, esses movimentos, esses grupos nos fazem nos enxergar e entender que não é eu que preciso me modificar pra estar lá dentro. É o meu espaço. E a gente tem que buscar cada vez mais construir espaço, e cada um que vai, leva um junto consigo, pra que a gente possa cada vez mais se enxergar.

Nós temos atualmente uma administração do Banco do Brasil, que é a nossa presidenta Tarciana, que esteve hoje aqui em Porto Alegre, num evento que a gente tem fala com certa, o campo progressista considera um evento que a gente não se orgulha tanto de estar aqui, mas que trouxe um caminho novo dentro do Banco do Brasil: a primeira presidenta dentro de dois séculos de história do banco. E que permitiu trazer essa discussão permanente dentro do banco, que é aceleração de carreira, né? Então assim, aqui nós não tínhamos pessoas, mulheres pretas, pra fazer esse programa de ascensão pra lideranças. E é catastrófico pra nós quando gente olha: “não, mas tem que ter. Tem que ter. Não, nós existimos, a gente tem que ter”, e a gente vai olhar e a gente não encontra, porque nós somos... e aí, vamos fazer de novo um paralelo com o trabalho da Lélia, que é justamente a gente não consegue permanecer - porque a gente consegue entrar, mas a gente não consegue crescer. Porque nós somos tão oprimidas e colocadas no suporte pra fazer o atendimento telefônico e não presencial, não o cara a cara, que, muitas vezes, muitas de nós ou adoecem ou preferem ficar de fato no suporte, aonde o cliente não nos enxerga, pra gente manter a saúde mental.

Então, ontem teve uma colega nossa, a Miriam, aqui fazendo a fala pelo grupo do BB Black Power. Hoje, vim eu. E pesso-

as que estejam dispostas a falar sobre isso... porque dói. Dói. Quando a gente olha pra trás e vê o que a gente passou, dói. Então, pensar nessas situações e trazer essa conversa para o coletivo pra que a gente se enxergue, pra que a gente entenda e se fortaleça nas nossas dores, e tire daí o combustível que a gente precisa pra: “não, vamos ocupar esse espaço, vamos crescer nesse espaço”. Porque nós somos em torno de 40% da população do total dentro do banco. Então, a gente tem que ter essa representatividade. E aí a gente vai buscando e vai construindo. Estamos construindo nesse momento, a passos muito lentos, mas começamos a construir. Então, quando a gente vem num evento desse, que a gente fala com tanta ancestralidade, com certeza emocionada, e a gente fica pensando na relevância que a gente tem perto de uma história tão intensa e que deixou um legado tão grande.

Mas nós estamos aqui justamente pelas outras que nos antecederam e abriram espaço pra que a gente pudesse falar abertamente de tudo o que a gente busca. E eu estava fazendo uma reflexão a respeito das fotos. As fotos remontam a 82, 81, 83, 85. Eu sou de 81, e a gente vê: as nossas batalhas, elas permanecem. Hoje, a gente já consegue se olhar, se reunir num evento como esse. E nós sabemos, cada um de nós, tudo o que a gente passou, né, dentro da nossa formação, aqui dentro da Universidade Federal.

Eu sou sindicalista, sou do SindBancários de Porto Alegre, o Sindicato dos Bancários, e nós temos uma sala de cinema. Então, seria tão bacana se a gente pudesse colocar antes do filme, utilizar, né, o documentário, pra que a gente pudesse dar maior visibilidade ainda. E isso é um crescente em um olhar que, se eu não tiver, não sei se uma pessoa branca vai ter - pra colocar, pensar num filme. Então, a gente precisa estar nos espaços, estar buscando, e fazer também a divulgação do que tá sendo construído. Então, é tão importante a gente fazer essas reflexões e trazer todo o legado construído, pra gente aproveitar tudo o que foi feito até aqui e caminhar um pouco mais, mesmo que nós não consigamos atingir um objetivo que

a gente sabe que tá lá, e que a gente tá falando que a gente precisa combater, que a gente precisa chegar, e que a gente sabe que, no dia dia, a construção não é fácil - assim como não foi pra ela, mas ela conseguiu deixar toda essa caminhada que nós não precisamos começar.

Nós temos décadas de batalhas, séculos de batalhas, né, do nosso povo organizado. Dentro do movimento sindical, a gente fala da história do movimento sindical, e aí a gente começou já a trabalhar nas últimas formações, que é a história da organização da classe trabalhadora. E ela remonta lá atrás. Porque o povo escravizado, ele não veio sem lutar. Então, a gente começou a pegar lá de trás. E como é que a gente consegue pegar esse viés? Porque a gente começa a participar das formações. E aí, a gente começa: “tá, mas não... como assim?”.

Dentro da história, o movimento de organização dos trabalhadores começou com o movimento sindical? Não, né? Os trabalhadores se organizavam antes. Antes de ter direitos trabalhistas. Antes, lá atrás. Então, a gente traz o nosso legado junto e vai criando, e vai trazendo, e vai transformando, e vai trazendo mais gente, e é assim que eu entendo que se vincula o legado dessas pessoas que foram tão importantes e que trazem a nossa ancestralidade pra nós, hoje, na educação e no campo do trabalho.

O que a gente precisa é justamente trabalhar a educação, pra que a gente consiga trazer a consciência de classe desde cedo, mas, no ponto em que nós estamos, a gente tem que fazer as duas coisas. Já foi? A gente não consegue ser... não, agora vamos pensar só em educação e todo o impacto que teria, mas a gente precisa também falar de quem já está, e que vai formar outros estudantes, que vai formar os seus filhos, que vai formar as suas famílias. Então, os assuntos, eles se interseccionam, e é muito importante que a gente consiga fazer esses vínculos de tudo que foi construído pra nós, e que a gente tem a graça de tentar ir daqui pra frente. Dentro do BB Black, nós temos a Graça Santos, que a gente chama que é a nossa matriarca.

Assim como foi falado de Lélia, a matriarca que estaria aqui, nós temos também uma matriarca que foi uma das primeiras mulheres a entrar no Banco do Brasil, e ela, preta, né? Então assim, tem essa construção de décadas - já é aposentada -, mas que construiu um caminho pra que a gente possa seguir. E aí, dentro dos integrantes, evidentemente tem muitos educadores, né? Porque a gente sente essa necessidade de falar, que a gente precisa ser, desde cedo, essa mudança que a gente precisa, de visibilidade do povo preto, né?

Eu tenho uma pequeninha de cinco anos, e aí eu falo pra ela, né? Ela já notou que o cabelo é diferente, né? Ela usa trança. Então, a própria não sabe lidar com o cabelinho dela. É difícil. E aí eu olho pra ela: “mas que difícil? O teu cabelo é tão lindo, é tão fácil de fazer alguma coisa”. E veja que um simples gesto de não fazer diferença entre o cabelinho dela, por ser mais fácil ou não, já faria toda a diferença. Ela tem cinco anos e ela já percebeu que tem diferença.

E eu quero dizer uma coisa, que eu considero fundamental - e ontem, a gente tava fazendo uma prestação de contas no BB Black -, que como é importante a gente ter, além da nossa história visibilizada, o quão é importante a gente ter a produção científica daquilo que a gente fala, né? Então assim, o quão é importante a gente ter artigos que falem a respeito daquilo que a gente fala.

O quão é importante a gente ter obras, livros, que falem sobre isso que a gente fala. Pra que a gente possa desenvolver ainda mais produção oficial, acadêmica, sobre o que a gente fala, pra que a gente não fique na roda de conversa. Porque daí a gente fala do “eu”, e a gente precisa falar do todo. Então, como é importante a produção acadêmica, científica. Porque muito do que a gente fala, e a gente traz pessoas pra falar a respeito do que a gente quer visibilizar, a gente acaba na roda de conversa, e esses momentos são muito importantes, porque a gente vem pra produção científica, acadêmica, sob a perspectiva do povo preto. Então, tô muito feliz de tá aqui. Muito obrigada pelo espaço, e que a gente possa dar continuidade aí. Obrigada.



Nina Fola (Mediadora): Obrigada, Priscila.



Winnie Bueno: Você pediu para controlar o meu tempo, mas você sabe, né? Como diz aí a Sandrali, o tempo é um Orixá. Longe de mim querer controlar um Orixá. Vou falar da Lélia, né, é também falar de um outro projeto de mundo.

Então, um mundo que não é esse, da zona do ser, como nos ensinou Fanon, mas esse mundo da zona do não-ser. Esse lugar histórico, onde os corpos negros foram lançados pela colonialidade do poder, do saber e do ser.

Um mundo onde a humanidade é negada sistematicamente, e onde, ainda assim, as formas de resistência e reinvenção da vida são absolutamente sofisticadas. Então, esse olhar sobre o pensamento da Lélia Gonzalez é o oriundo de um ensinamento radicalmente amoroso que eu recebi da Thula Pires, né, que é uma das intelectuais que mobiliza o pensamento da Lélia, né, pra expandir, inclusive, as fronteiras e as possibilidades de inscrição das trajetórias de intelectuais negras - Thula, no caso, no Direito. E também a Thula fez isso, né, esse movimento de trazer a Lélia pra conversar com o Direito brasileiro em diversas perspectivas, né? Não só na perspectiva dessa norma jurídica mais dura, mas também na educação.

Então, né, dito isso - tô fazendo o reconhecimento a quem merece ter seu conhecimento reconhecido -, é preciso a gente falar desse lugar, da zona do não-ser, e é que assim que “o lixo vai falar, e vai falar numa boa”, né? E como é que a gente fica nisso? A gente fica incomodado. A gente balança as estruturas. Porque quando o lixo fala, e fala com método, fala com rigor, fala com afeto, ele desestabiliza tudo que foi historicamente construído pra silenciá-lo.

E aqui, mais uma vez, me apoiando na Thula pra dizer que o que tá em jogo não é apenas o conteúdo da fala, mas a possibi-

lidade da fala existir como uma fala legítima. Então, quando a Lélia pensa a amefricanidade, ela está exatamente colocando em xeque o lugar de onde o saber é produzido, né? Tá dizendo: “olha, nós, os que fomos arremessados pra fora da humanidade, nós não temos não só o direito de falar. Nós temos o dever de reinventar o mundo”. E essa reinvenção começa pelo reconhecimento de que a gramática dos direitos humanos, da educação e do próprio Estado moderno não foi feita pra nós, pra nenhum dos corpos pretos que estão sentados nessa sala. É muito ao contrário, né? Ela foi estruturada justamente pra manter a zona do não-ser como um espaço de desumanização contínua.

E a educação, nesse cenário, é uma peça central, porque é lá na escola que se ensina quem é digno de ser ouvido e quem não é. É na escola que a gente aprende quem tem história e quem é um outro sem passado. É na escola que se decide se o pretuguês é erro ou se é resistência. Por isso, falar sobre uma pedagogia amefricana é subverter a lógica colonial do sistema educacional. E aí, é do sistema educacional desde lá da base, desde o maternal 1, né, até a pós-graduação.

E é entender que a educação não é preencher cabeças vazias com conteúdos prontos, mas criar espaços de partilha, de escuta e de reconstrução da própria ideia de conhecimento. A educação pode ser um quilombo. E, como tal, não é um lugar de conforto. É um lugar de enfrentamento, de cuidado e de elaboração coletiva.

É um território insurgente onde a oralidade, o corpo, a experiência e a ancestralidade valem tanto quanto os textos canônicos. É nesse território que a pedagogia amefricana ganha a sua radicalidade, porque ela não apenas propõe outros conteúdos: ela propõe uma outra ordem de existência. Uma ordem que reconhece que a linguagem da educação, do direito, da política, da cultura dominante foi construída pra normatizar a zona do ser, e manter a zona do não-ser como exceção, como margem, como ruído.

Mas o que a Lélia nos ensina é que há método no ruído. Há

método no afeto. Há método no corpo que dança, que fala em pretuguês, que escreve com a ginga da oralidade ancestral. E quando esse corpo entra, quando ele exige ser escutado em sua inteireza, ele não pede inclusão. Ele pede uma reconfiguração. Então, eu tenho estudado o pensamento de uma geração de mulheres negras que, pra mim, na minha concepção, é herdeira direta de Lélia. Herdeira política, herdeira intelectual, herdeira afetiva. Uma dessas mulheres é a Jurema Werneck, que nos convoca a reconhecer que o conhecimento produzido pelas mulheres negras não é apenas pensamento. É dispositivo de existência, de sobrevivência e de pertencimento. E isso tem implicações profundas, especialmente na educação.

Quando eu entrevistei a Jurema pra escrever a minha tese, que eu não escrevi - eu vou escrever, mas eu ainda não escrevi, tá lá encantada a tese, né -, ela disse que o legado dessa geração de mulheres é mais um dispositivo de fortalecimento político epistêmico do que uma teoria fechada ou sistematizada. E aí, ela tá chamando a nossa atenção pro modo como as ideias das mulheres negras circulam. E elas circulam não apenas nos textos acadêmicos, né? Ainda que hoje - e é bem importante marcar esse "hoje" - também estejam neles. Mas elas circulam, sobretudo, na oralidade, na reunião, na partilha, no panfleto. Eu tô vendo a minha vereadora aqui, sentadinha. No samba, na reza, né? Nessa reza que a gente faz, quando o bicho pega. Ali também tá se produzindo conhecimento, tá produzido nesse corpo que resiste, né? E é por isso que educar, pra nós, não é repetir o cânone. É criar chão pra que essas ideias encontrem abrigo, voz e forma.

A Jurema me ensinou que o pensamento de mulheres negras da geração dela, e da geração da Lélia também, é uma tradição que não reivindica autoria nos moldes ocidentais, mas sim continuidade. "Nossos passos vêm de longe", que tão costumadamente atribuídos à Jurema, mas que, na verdade, é uma formulação da Fernanda. E o fato de ter se popularizado como uma afirmação da Jurema é uma partilha de saber, né, disso que não é um slogan. Não é uma epígrafe bonita pra gente fi-

car balançando por aí, mas é um selo de pertencimento a uma comunidade política e intelectual, que existe porque ousou existir mesmo quando tudo dizia que não podia.

Então, quando a gente reflete a contribuição da Lélia pra educação, não se trata apenas de abrir espaço pra essas vozes no currículo - ou em qualquer outro lugar, né? Porque as pessoas vão: "ah, não, a gente tem que abrir espaço pras vozes". Tá, mas e aí? Que espaço é esse? Né? É mais do que isso. Porque, primeiro, a gente tem que reconhecer que essas mulheres, elas já estavam dizendo há muito tempo, fazendo há muito tempo, e nos mostrando o que era preciso se fazer.

Que a gente tenha transformado o lixo, em laboratório; o ruído, em método; e o silêncio, em multiplicidade de vozes. A academia foi inventada muito depois da gente. Antes de qualquer universidade, as nossas mães, as ialorixás já ensinavam a gente como viver com dignidade em um mundo que negava as nossas humanidades. Antes de qualquer política pública, já existiam redes de cuidado, já existiam estratégias de sobrevivência, já existiam quilombos físicos e simbólicos. Portanto, quando defendemos uma pedagogia amefricana, não estamos pedindo permissão. Estamos reivindicando o que é nosso. Estamos dizendo que educar é, pra nós, continuar escrevendo essa teoria viva que é feita de passos, de vozes, de dores, de cantos e de sonhos. E que nosso lugar na educação, no direito, na política, não será dado. Ele será ocupado. E será feito em pretuguês, e numa boa. Lélia nos ensinou que falar da nossa existência não é ato de vaidade ou mera reação. É um ato de insurgência.

Mas esse falar tem implicações, né? Falar, pra Lélia, era confrontar as estruturas que fizeram de nós aqueles sem fala própria; aqueles que só existem quando são ditos por outros. E a Lélia falou. Falou com a língua do afeto e falou muito com a língua da crítica. Falou com rigor de quem estudou Filosofia, História, Psicanálise. Falou com a oralidade que aprendeu em casa, nos movimentos. Falou e nos ensinou que a educação não pode ser separada da política, e que a política não se separa da base. Porque, como ela mesma dizia, a luta não é apenas

nas instituições. É também nos becos, nas favelas, nos quilombos, nas comunidades onde a ausência do Estado é ocupada pela potência criativa sobrevivente do povo preto desse país.

Por isso, pra Lélia, a teoria não era um lugar de distanciamento, mas de construção, sim, coletiva. Sua teorização original sobre raça, sobre classe, sobre gênero, sobre linguagem, não separava o pensamento e o corpo; o intelecto e o chão. Ela ousou trazer a psicanálise para o debate sobre o racismo brasileiro; desmontou o mito da democracia racial, revelando sua estrutura como sintoma de uma neurose coletiva nacional que tá cada vez mais neurótica. Um país negro que se quer branco. Uma cultura negra que é celebrada, enquanto os corpos negros são descartáveis.

Ela anunciou o que a gente assiste hoje, “na tela da TV, no meio desse povo”. O Carnaval, pra Lélia, era esse momento labirinto, onde a ordem se revirava, onde o corpo negro ganhava centralidade estética, mas não política. Um ritual que, no limite, mostrava o quão fundamental é a cultura negra na invenção do Brasil. Mas que também escancarava como que o reconhecimento simbólico sem redistribuição de poder é só mais um capítulo do racismo. Por isso, quando vemos o Carnaval se transformar em vitrine pra grandes marcas, perdendo o lastro comunitário, a gente precisa perguntar: “quem é que lucra com essa alegria?”. E essa pergunta não é retórica, porque a Lélia nos ensina que há uma gramática do poder que se infiltra, inclusive, nas nossas expressões de liberdade.

Por isso, pra ela, a teoria não era um lugar de distanciamento. Era um território habitado por experiências concretas, por corpos que dançam e que se recusam a serem domesticados. A sua amefricanidade, pensada como um campo político-cultural de enunciação própria, é essa ousadia de construir uma epistemologia desde o chão da senzala, mas sem nostalgia, sem se contentar com o lugar de objeto de estudo.

A amefricanidade é aquilo que aparece quando a gente não só fala por si, mas funda uma outra possibilidade de escuta. E

aí quero trazer, pra encerrar, uma intelectual que, pra mim, é uma das mais importantes no campo do pensamento de Lélia Gonzalez, que é a Raquel, que também se debruçou com muita profundidade, com muito rigor, com muita seriedade sobre o pensamento de Lélia. E a Raquel Barreto, ela nos mostra como que a produção da Lélia não pode ser lida de forma fragmentada ou anedótica, né? A Raquel nos lembra que a Lélia não escrevia desde a exceção. Pelo contrário. O pensamento da Lélia emerge dessa experiência coletiva de mulheres negras da diáspora latino-americana; dessa Améfrica Ladina; desse lugar forjado pra romper com os binarismos epistemológicos coloniais que separam a África, da América; o político, do pessoal; a cultura, do saber.

O reconhecimento em Lélia não é apenas identitário, mas uma reorganização profunda do campo político e intelectual brasileiro. Uma reorganização que exige o deslocamento do sujeito branco, universal, masculino, cis-heteronormativo e burguês, e a ascensão das epistemologias enraizadas no cotidiano das mulheres negras. Epistemologias que não se organizam apenas a partir da razão cartesiana, mas da memória coletiva, da experiência ancestral, da corporeidade e da afetação. Portanto, ao falar de Lélia, é possível reivindicar uma educação que seja herdeira direta dessa reorganização radical. Ela não é uma mera pedagogia crítica, nem só antirracista, né? Ela é uma pedagogia contracolonial na sua essência. Uma pedagogia que se recusa à normatividade dos saberes eurocentrados, e assume a zona do não-ser como território de produção de mundo. Mundo esse que se enraíza nos terreiros, nas periferias, nas comunidades quilombolas e na oralidade dos encontros entre mulheres negras.

A Lélia não queria apenas ser ouvida nas cátedras universitárias. Ela queria virar o mundo de cabeça pra baixo. A aposta teórica de Lélia, como o Raquel Barreto nos diz, é tão radical que ela não se acomodou nem mesmo com os marcos do feminismo negro norte-americano. Ela criou uma outra coisa: uma coisa nossa, uma coisa viva, uma coisa coletiva, uma coisa amefricana.

Por isso, quando falamos de sua contribuição à educação, não podemos reduzi-la a um conjunto de práticas pedagógicas. Estamos falando de uma transformação ontológica da ideia mesmo de educação: do que se ensina, de quem ensina, de como se aprende, de que corpo tem direito a saber. Nesse projeto de mundo, saber é resistência, saber é memória, saber é axé, e o axé está no corpo, na palavra, na comunidade, na luta. Está no gesto de uma mãe - que ensina a sua filha... gente, é assim mesmo. Faz um ano que a minha avó faleceu. Então, eu tô muito a flor da pele com tudo, assim.

Achei que eu ia conseguir chegar até o final sem chorar, mas aí fui falar de mãe, e da minha própria avó, que me ensinaram a cantar pra lemanjá com a mesma firmeza que me ensinaram a reivindicar. Isso eu tô aqui hoje falando da minha mãe e da minha avó. Eu também tô falando da mãe e da avó da Flávia; da mãe e da avó da Nina; e da mãe e da avó de tantas de vocês, que, com certeza, ensinou o mesmo. E o projeto que eu imagino vem muito desse lugar. Um projeto de educação, que eu imagino que Lélia também defenderia, que tinha muito disso: de uma construção coletiva. De uma escola onde nós, mulheres negras, herdeiras desse pensar, fazer pensar, temos a tarefa ética e política de ocupar e florescer. Muito obrigada.



Nina Fola (Mediadora): Flavia Rios, o senhor dos destinos deu 20 minutos pra ti. É isso aí.



Flávia Rios (Palestrante): Boa noite, Porto Alegre. É um grande prazer estar aqui, ainda mais ouvindo essa conferência, né? Essa verdadeira conferência sobre Lélia Gonzalez. Eu ficava ouvindo aqui a Winnie falando e me recordei, Winnie, das vezes e tantas palestras que as pessoas que trabalham com Lélia ouvem das plateias, né?

E algumas turmas minhas, às vezes, as alunas diziam: “professora, então por que que a gente demorou tanto pra conhecer Lélia Gonzalez?”, né? Eu acho que pessoas que acabaram de

ouvir Winnie ou tantas outras apresentações - brasileiras ou não brasileiras -, se perguntam: “mas por que tanto tempo, né? Por que que a gente demorou tanto pra conhecer essa autora, essa trajetória e essa produção de conhecimento?”.

Então, esse é um desafio pra nós. Uma vez que a gente sabe que demorou muito tempo, é obrigação nossa que as outras gerações não vivam o que a gente viveu, ou seja, que não precisem passar por uma redescoberta. Que esse conhecimento seja transmitido. E é por isso que acho que exposições como essa do CCBB, que estão circulando em várias capitais brasileiras, que reúnem grupos e grupos universitários, da educação básica, de ativistas, de intelectuais, de interessados, venham conhecer e se aprofundar mais sobre Lélia Gonzalez.

O que eu tenho para dizer hoje pra vocês, depois dessas duas apresentações maravilhosas, é que eu tenho refletido muito sobre o lugar do pensamento da Lélia Gonzalez nas grandes teorias da América Latina. Às vezes, a nossa região, a América Latina, como a Lélia Gonzalez definiu, conceitualizou, e que tem recebido... e que tem sido bem recepcionada em vários países latino-americanos e do Caribe, também nos Estados Unidos - menos agora, né, nesse cenário.

Mas quando nós nos confrontamos com as grandes produções e contribuições internacionais, a América Latina é reconhecida por apresentar, desde o século XX até agora, três grandes paradigmas, né? Um primeiro grande paradigma é o paradigma da mestiçagem. Um segundo grande paradigma é o paradigma da teoria da dependência. E o terceiro grande paradigma é o paradigma de-colonial. É assim que nós somos conhecidos no globo. É assim que, quando alguém precisa reunir o que que se produziu nessa região do planeta, nesse continente, o que que isso gerou? Pelo menos, esses três grandes paradigmas. E a minha pergunta é: onde Lélia González se enquadra nesses paradigmas?

E aí, eu queria contar pra vocês um pouco como eu vejo essa produção, e a produção da Lélia como uma teórica, uma intelectual, que se posiciona na produção do saber, numa geo-

política da produção do conhecimento que, obviamente, tem reverberação sobre a educação e tantas outras áreas. Ora, a primeira coisa que a gente precisa tomar como base é que a Lélia Gonzalez conhecia muito as bases desses pensadores e pensadoras que construíram esses paradigmas, né?

A teoria da mestiçagem, como vocês sabem, não é nossa. Ela surgiu em várias partes da América Latina - no México, no Brasil, na Colômbia, na Argentina. Então, a mestiçagem é um discurso generalizante, que as nações da nossa região criaram pra dominar as populações negras e indígenas.

Basicamente, é um modo como o mundo ibérico, o mundo europeu, colonizou as mentes, a força de trabalho e a cultura desses países. Então, muitos autores foram como que ideólogos desse nacionalismo, altamente concentrado numa ideia de uma nação com um povo mestiço, mas que, na verdade, era a supremacia branca ou clara, ou dos mais claros, que se estabeleciam sobre aqueles que não eram. Então, a Lélia Gonzalez conhecia muito essa produção e criticou avidamente essa produção, que gerou dois tipos de subteorias: uma, a ideia da democracia racial; a outra, do embranquecimento.

Por que que elas são importantes pro nosso debate hoje? Porque elas ainda são dominantes no nosso sistema educacional. Porque de uma forma ou de outra, elas ainda operam na nossa formação, e operaram certamente na formação da Lélia Gonzalez.

E os registros dela, de fala, de como foi a educação dela, são sintomáticos, são exemplos disso. Uma, eu não podia me identificar com uma pessoa negra, porque a pessoa negra era sempre a pessoa escravizada. Eu não queria e não podia me identificar com a pessoa indígena, porque um indígena era sempre o preguiçoso. Ou seja, só havia o lugar da negatividade para as pessoas negras e indígenas, das quais ela descendia, e que, no sistema educacional, não podia se reconhecer.

O segundo grande outro paradigma é aquele paradigma que reinterpretou a situação do capitalista global e o lugar nosso,

que nunca teríamos... o entendimento desses intelectuais é de que nós nunca poderíamos fazer ou passar pelo processo de desenvolvimento que os países chamados “centrais” passariam, né? Como Inglaterra, Estados Unidos, etc. Que nós tínhamos um tipo de capitalismo específico.

Um grande desafio dessa teoria foi que ela não conseguiu identificar, nesse desafio, o lugar das mulheres, o lugar das pessoas negras, o lugar da racialização e do racismo. Então, Lélia González, quando lê, e relê, e reinterpreta essas teorias, ela quer identificar as falhas e os problemas, e o que essas teorias têm para gerar, seja de um lado, no caso da teoria do paradigma da mestiçagem, a dominação colonial via a formação nacional específica; seja no período... desse período de pensar um capitalismo particular e como que essa forma capitalista dependente, com características próprias, explicava uma situação de ultra marginalização a que as pessoas negras estavam submetidas - as mulheres negras, especialmente.

Então, Lélia Gonzalez faz um estudo sistemático pra encontrar algo que ela encontrou na economia política, nesses autores, que é a ideia de superexploração. Ela foi identificando que, em regiões como as nossas, existiu uma espécie de capitalismo racial, né? Que é um conceito que foi desenvolvido na África do Sul, pra se referir um pouco a como o capitalismo opera na exploração dos corpos negros, nos corpos das mulheres negras, nos corpos das populações indígenas, das populações racializadas.

E aí Lélia Gonzalez, embora não tenha vivido esse boom de todas as teorias decoloniais, ela está na base dessa crítica social que repensa o paradigma da mestiçagem criticamente. Que repensa o modo como se foi construída a ideia de capitalismo na nossa região, a partir desse conceito da superexploração dos trabalhadores racializados. E ela pensa, então, como a Winnie acabou de apresentar, que possibilidades decoloniais, que possibilidades de transformação nós poderíamos ter. Essas possibilidades, dizia Lélia Gonzalez, exigem um diagnóstico muito profundo da realidade.

Não basta a gente fazer uma abordagem simplista do social, de como foi a escravidão, de como foi a transição da escravidão pra mão de obra livre, como a situação do mercado de trabalho funciona, o subemprego, a superexploração. É preciso entender essas engrenagens. E não só essas engrenagens, mas como elas se conectam a outras engrenagens de dominação e de exploração. É preciso entender como o capitalismo se engrena. A sua constituição se dá pelo patriarcado, pelo machismo, pelo sexismo, pelas formas de dominação que acontecem desde o lar, desde a casa e da formação das crianças, até o nosso parlamento, até o nosso STF, ou seja, até onde estão as estruturas de poder.

Então, a teoria da Lélia Gonzalez, de algum modo... e a gente pode ir descendo com as categorias que ela elaborou, com as formas pelas quais ela construiu o seu raciocínio pra interpretar a nossa realidade. Mas ele é interessante porque ele não se move, esse pensamento, sem que se faça um diagnóstico muito complexo, histórico-social, cultural também, desses sistemas de dominação e exploração, e seus efeitos sobre as pessoas. E os efeitos que me parecem importantes a gente chamar a atenção é que a Lélia González, ela não tinha um pensamento mecanicista, né?

Ora, então nós temos aqui os exploradores, aqui temos os explorados. Então, basta que a gente dê consciência às mulheres, ou às pessoas negras, ou aos trabalhadores, finalmente vão romper com essas estruturas de opressão. Não basta que elas saibam que são oprimidas, porque elas sabem que são oprimidas, não é? Não basta isso. Por isso que a Lélia Gonzalez desconfia da consciência. Olha que coisa interessante, que eu acho que é uma das coisas mais extraordinárias do pensamento dela, que tá exposto nesse texto, “Racismo e Sexismo da Cultura Brasileira”, em que ela faz uma distinção entre consciência e memória. E nessa construção, nessa distinção entre o que é a consciência e o que é a memória, a Lélia Gonzalez desconfia do poder que nós damos, como racionalistas, como de organizações políticas, o poder que a gente dá à consciência.

Ela acha que as nossas consciências estão dominadas por um discurso teleológico, por um discurso judaico-cristão, por um discurso simplista de que tudo se resume às classes sociais e que basta ter conhecimento para transformar.

E ela vai apostar numa possibilidade de transformação que não passa exclusivamente pela produção do que é racional. Ela não nega o racional. Isso é muito importante, gente. Ela não é uma irracionalista. Na verdade, ela questiona toda a crença que nós temos no racionalismo como única possibilidade de transformar e de reagir ao mundo. E ela aposta em outras formas de reflexão e de viver as experiências como possibilidades subversivas de transformação. Daí porque ela explora tanto a ideia do lugar, da memória social. Memória não apenas como aquele lugar que a gente deposita informações, e lembra ou não se lembra delas, mas a memória como o lugar em que a linguagem pode ser construída e reconstruída, e onde também pode-se subverter uma ordem, uma ordem dominante, de dominação e exploração.

E com isso, obviamente, ela precisa movimentar muitos instrumentos teóricos, analíticos, pra reconstruir esse argumento do porquê essa desconfiança com a consciência, e do porquê essa aposta num diálogo entre consciência e memória pra construir aquilo que ela pensa ser as possibilidades de uma subversão da ordem dominante.

Então, me parece que a educação, sim, como a Winnie colocou, é um espaço transformador, especialmente se a gente pensa que esse espaço, ele não tá exclusivamente institucionalizado. E aí eu me recordo aqui, olhando a trajetória da autora, que ela gostava muito de narrar sua própria experiência pra ilustrar os processos sociais. Pra além da literatura acadêmica ou filosófica, ela buscava ali um pouco nas suas próprias experiências. E algumas experiências de Lélia Gonzalez são importantes pra gente rememorar aqui como relevantes em processos formativos.

A Lélia Gonzalez, me lembrando aqui, não só fazia grupos e

reuniões de estudos, embora ela fosse professora universitária, etc., mas ela sempre fazia grupos e reuniões de estudos pra estudar aquilo que não tava no currículo. Várias coisas não estão no currículo e precisam ser estudadas. Ela traduzia os textos que ela achava que eram importantes, que os alunos tinham que ver e ler, mas que não estavam ali no currículo. Ela tava ali trabalhando e organizando com escolas de samba pra pensar as raízes e as tradições do nosso samba, e não só os sambas que estavam ali já numa lógica dominante de um capitalismo televisivo, etc.

Estava lá Lélia Gonzalez na formação das comunidades. Ela tá junto da formação do Centro de Cultura Negra. Ela está na formação do MNU. Ela está na formação do Partido dos Trabalhadores. Ela está na formação do Nzinga. Ela está num conjunto de organizações que estão na base da nossa reconstrução democrática. Ah, por que ela ficava pulando de organização em organização? Não. Porque ela entendia que o lugar transformador estava no processo de organização social. E que ali havia, sim, uma pedagogia, que é a pedagogia do organizar-se em diferentes espaços. Nas bases sociais, mas não só nas comunidades, nas universidades. Onde pudesse haver organização. Era ali, nesse compartilhar, nesse coletivo, é que se poderia produzir um novo, um transformador. E é muito interessante, que às vezes a gente pensa que esse caminho, ele é oposto aos caminhos tradicionais. Ela nunca largou a universidade e falou: “agora eu só vou fazer militância e organização do movimento social”. Ou ela nunca fez o inverso: “só vou ficar no mundo acadêmico, e vou ficar aqui escrevendo e produzindo”. A Lélia Gonzalez era a ponte, e isso é uma coisa que a gente não pode esquecer nesse mundo cada vez mais sectário, polarizado, que cria, digamos, distâncias entre mundos. Ela aproximava os mundos: os mundos institucionalizados, dos mundos não institucionalizados; os mundos populares, dos mundos que não eram populares; os movimentos feministas, dos movimentos antirracistas.

E o Brasil, esse país que, nesse momento, ainda é um respiro



de democracia. E essa exposição aqui, trazendo a Lélia Gonzalez, eu acho que um marco que a gente não pode esquecer é que a Lélia Gonzalez estava na base dessa democracia, que nós, hoje, podemos respirar. Realmente, ela lutou muito pra que nós pudéssemos ter essa experiência democrática, que é aos trancos e barrancos, mas é a que temos, e é a que temos que defender, e foi a que ela defendeu em vida. Obrigada.

Nina Fola (Mediadora): Vou fazer uma breve síntese, enquanto vocês na plateia vão elaborando aí as questões. A gente vai pensar em três né, uma para cada um.

Mas antes, eu queria fazer uma breve síntese do que eu vi aqui, do que eu fiquei pensando, já que a gente tá num espaço universitário, né? Já que a gente tá aqui com muitos colegas, né? Muitas mulheres negras, né? Eu, que faço parte de um coletivo de mulheres negras, que a maioria delas... nós estamos aqui, enfim, fazendo os nossos cursos, tentando articular não só a Lélia - muito a Lélia -, mas tantas outras pensadoras, mulheres negras.

Provocada pelo que a Winnie falou, sobre o discurso da Jurema, enfim. Pensar como a gente articula, né? Ouvindo a Flávia, assim, como a gente articula e como a gente tem que ter ética e seriedade com a produção intelectual complexa que essas mulheres nos deixam como legado, né?

Olhar uma frase como a gente tem visto aí... sei lá, uma frase de alguma mulher. “Quando uma mulher negra se movimenta...”, né? Da Angela Davis. Ela não é só essa frase por essa frase, e ela não pode ilustrar os nossos trabalhos como essa simples coisa que é dita, “quando uma mulher negra se movimenta, toda a sociedade se movimenta com ela”.

Isso é muito mais complexo, e isso deve ser estudado, desdobrado, assim como a Flávia acabou de fazer aqui sobre o que a Lélia construiu pensando na geopolítica da amefricanidade, né?

Pensando na complexidade que é criticar a consciência e dei-

...xar esse espaço, essa fresta, pra que outras possibilidades intelectuais, outras possibilidades de saída mesmo pra esse mundo, radicalmente a gente possa criar.

Eu acho que é um manancial, né? Onde a gente pode criar em cima. Eu acho que é um legado que se deixa, que é possível da gente entender que é uma cama, né? É uma esteira, né? Onde a gente pode efetivamente criar, né? E... enfim, eu teria tantas coisas pra dizer, mas o meu espaço aqui é de mediação. É de mediação, então a gente vai abrir pra... e agradecer, né, gu-rias? Muito obrigada. Muito obrigada, Winnie. Muito obrigada, Priscila, que trouxe essa questão da coletividade, né, que é fundamental em todos os espaços em que a gente esteja.

Sendo 14 no universo de milhares, já é uma força, já é uma força que brota, e eu acho que coletividade dialoga diretamente com aquilo que Lélia construiu e acreditou até o fim, que é a gente, com a gente mesmo, pode produzir também outras alternativas.

Agora abrimos para perguntas.



Denise Argemi, Advogada (Plateia): Eu queria lembrar o seguinte: Lélia Gonzalez participou do início do Conselho Nacional da Mulher, não é? Vocês poderiam falar um pouquinho sobre isso? Eu ouvi o podcast, aquele “Escute as Mais Velhas” e ouvi o depoimento da Schuma, não é? E é inevitável, alguém tem que falar disso, né? Daquele momento efervescente da constituinte. Obrigada.



Tuila (Plateia): Agô a todas as pessoas. Boa noite. Eu aqui de novo. Quem tava aqui ontem ouviu minhas indagações... eu sou a Tuila e eu gostaria, na verdade, de retomar um pouquinho do que eu disse ontem - perguntei, enfim -, aproveitando a presença da Flávia Rios aqui. Eu, como pesquisadora do pan-africanismo, do pensamento de mulheres africanas acerca de gênero, e como pessoa que percebe, nas andanças da Lélia Gonzalez,

ela não só percorreu caminhos amefricanos, né? Mas ela, mais do que fazer esse movimento de sulear, ela fez o movimento de leste. Ao nosso leste, tá o continente africano.

Então... e ela esteve lá fazendo diversas trocas, né? E pra mim é muito interessante quando tu falas em ponte, por exemplo, que é um movimento que eu venho tentando fazer, também academicamente, e enquanto cria da restinga, movimento comunitário, enfim, em todas as frentes, né? Porque nós somos seres políticos em todas as nossas dimensões.

Mas eu gostaria de te ouvir, na medida do possível.



Nina Fola (Mediadora): A Flávia vai responder.



Flavia Rios (Palestrante): Nessa discussão sobre o Conselho Nacional da Mulher, a Lélia Gonzalez, recuperando um pouco aqui, era uma mulher do movimento social, mas também que se organizava nos partidos políticos, nos primeiros conselhos, então ela tava envolvida. Então, a primeira lista, né, das mulheres que foram ao Conselho Nacional, criado em Brasília - se eu não me lembro agora, ligado ao Ministério da Justiça, né, em 85 -, a Lélia Gonzalez figurava como uma das conselheiras, né? E a Benedita da Silva também. Eram as duas mulheres. E isso é importante, você chamou a atenção. Tanto é importante a gente marcar que a Lélia e a Benedita, que era parlamentar, né, e Lélia Gonzalez foi assessora da Benedita.

Em vida, ela queria ter feito a biografia da Benedita, e infelizmente não conseguiu fazer, mas ela assessorou muito a Benedita na parte institucional, né? Porque a Benedita vem de um movimento de comunidade, de periferia, de favela. A Lélia, em diálogo com a Benedita, ela foi muito importante também nessa formação política de outra ordem, né? Mais partidária, mais parlamentar da própria Benedita. Então, a Lélia Gonzalez teve esse papel de assessoramento. Ela, própria, candidata

duas vezes; a formação do partido; e, finalmente, a formação do Conselho Nacional da Mulher. E eu chamaria a atenção para a constituinte também. No processo constituinte. A Lélia Gonzalez, ela participou de várias sessões, inclusive há relatórios, discursos dela na constituinte, em que ela fazia as defesas - porque na hora de convencer os parlamentares sobre a importância de certos conceitos, de certos termos, certos grupos populacionais que deveriam estar na Constituição, você precisava fazer defesas intelectuais, produção intelectual, o que a academia tinha a dizer, enfim.

Ela era uma autoridade para informar aos constituintes sobre populações, sobre mulheres, sobre minorias, grupos étnicos. A realidade específica dessa população e porque era importante, então, a garantia dos direitos constitucionais. Então, toda vez que a gente lembrar da Carta Magna, toda vez que a gente lembrar da relevância que foi a nossa Constituição, várias pessoas sustentaram as teses sobre esses direitos, e a Lélia Gonzalez foi uma delas. Então, ela tá nessa base, também, constitucional. E sobre África, é muito importante... e é um dos desafios nossos, digamos assim, esmiuçar a trajetória da Lélia Gonzalez e as suas visitas, viagens e permanências em vários países do continente africano.

Quando a gente entrevistou o Carlos Moore, que é um intelectual que conheceu a Lélia Gonzalez no Senegal, ele é uma fonte riquíssima pra mostrar, assim, a trajetória dela, né? A circulação dela, porque ela ficava muito na casa dele. Ele também foi um intelectual que ajudou a fazer essa circulação da Lélia Gonzalez. As pessoas entrevistadas, os registros dela, como você apresentou, de fotografias, de vídeo, tem um vídeo muito interessante que foi gravado, que tá lá na UERJ, e que também, fala bastante desse percurso dela.

E gravado mesmo, né? Da experiência dela com os intelectuais, com as ativistas, com as mulheres. As visitas comunitárias. Então, é muito interessante isso - além do acervo que tem esses registros iconográficos. O que se relata - muitas pessoas relatam, e talvez o Rufino também tenha muito a dizer - é que

a Lélia Gonzalez trazia de tudo pro Brasil. E levava também, mas ela trazia de tudo, desde livros pra: “ah, que esse livro aqui podia ser traduzido”.. Era o sonho dela. Isso quem me falou foi a Rose Marie Muraro, quando tava viva, ela me contou essa luta dela por tradução. Isso que a gente discute hoje: “ah, vamos traduzir os intelectuais africanos, etc.”, isso tava no horizonte da Lélia Gonzalez. O Cobrinha também é um dos que bebeu dessas traduções... porque a Lélia era uma tradutora. Ela se dedicou muito à tradução. A gente não tem noção do quanto ela traduziu.

O dramaturgo do “Traga-me a Cabeça de Lima Barreto” - uma das pessoas que, nas suas narrativas -, conta o quanto ele aprendeu sobre o continente africano do que a Lélia Gonzalez lia, estudava e trazia pra formação deles. Então, ela trazia desde esse conhecimento mais bibliográfico, acadêmico, historiográfico, filosófico, até plantas, tecidos. Enfim, tudo o que ela podia pra poder reafricanizar o Brasil. Era um pouco isso também, assim: “olha o que tem aqui, olha quantas coisas a gente pode levar e trazer”. Então, tem essa, digamos assim, essa vocação dela de trazer as coisas pro conhecimento mesmo.

Acho que tinha um prazer no conhecimento de saber como as coisas são e como elas podem ser trocadas. Mas é preciso um estudo cuidadoso sobre esses trajetos, sobre as palestras que ela deu, os lugares, efetivamente, onde ela ficou. Tudo isso precisa ser feito. Recentemente, uma menina que tava na Alemanha me procurou e falou assim: “Flávia, eu achei aqui uma entrevista da Lélia Gonzalez”, não sei onde, na Alemanha Oriental, no arquivo não sei o quê. Entende?

Então assim, tem muitas coisas que ainda precisam ser escavadas da produção dela, investigadas mesmo. Eu acho que fica um desafio pra você fazer esse caminho africano de Lélia Gonzalez, né?



Nina Fola (Mediadora): Gente, agora vamos para as considerações finais.



Winnie Bueno (palestrante): Quero agradecer a disposição de todo mundo que tá aqui. Agradecer, mais uma vez, a organização desse evento pela oportunidade de compartilhar a fala com essas pessoas que eu tanto gosto, tanto admiro, e também chamar um pouco, né, essa reflexão sobre a necessidade de cada vez mais a gente não só ocupar os espaços, mas partilhar os espaços numa perspectiva coletiva. Eu acho que a Lélia tinha muito isso, assim, né?

Quando Flávia traz esse movimento, né, da Lélia no partido, da Lélia no movimento social, da Lélia brigando no movimento negro, da Lélia construindo o movimento de mulheres negras, fazendo todas essas coisas, estando em todos esses lugares. Tinha muito também... enfim, os momentos que eu consegui conversar com essa geração que foi tão educada por Lélia, tinha muito esse lugar de partilhar, né? De partilhar esse espaço. E eu acho que quando a gente tem a oportunidade de tá nesse espaço, que é tão restrito pra gente, né, a gente poder partilhar esse conhecimento é fundamental. E acho que esse é um aprendizado de Lélia, que a gente deveria seguir com muita radicalidade, né? Não ficar disputando esse pedacinho de chão que não cabem todas nós, mas alargar esse espaço pra que cada uma de nós caiba do seu jeitinho, da sua forma de fazer, da sua forma de falar, da sua forma de pensar, pra construir realmente uma sociedade que seja, de fato, horizontal e uma roda de saberes, né? Então, muito obrigada.



Priscila Aguirres (Palestrante): Bom, é uma honra participar. Eu agradeço muito o convite da organização pro BB Black. Então, realmente foi muito rico, né, participar. E aí, a gente assume o compromisso de também levar a divulgação e a visibilidade. E que cresçamos, né? Coletivamente, a gente vai crescendo, ocupando os espaços, e trazendo cada vez mais de nós pra visibilidade, pra que todo mundo possa se beneficiar do conhecimento que a gente conseguiu trazer até aqui. Obrigada, gente.



Flávia Rios (Palestrante): Bem, pra mim foi também uma honra tá aqui de novo em Porto Alegre, com essa gente muito interessada no pensamento da Lélia. Que vocês leiam, né? Que vocês possam ter acesso a essa produção, leiam. Essa exposição aqui, observando essa trajetória tão rica, e que tem que ser vista também como as bases da nossa democracia. Muito boa noite, e vamos à festa, né? E ao coquetel. Obrigada.



Kaya Rodrigues (Mestra de cerimônia): Nós agradecemos imensamente a todas as palestrantes aqui presentes, por suas contribuições excepcionais. À nossa mediadora, Nina Fola. Agradecemos também a vereadora Juliana de Souza, representada aqui por Mariana Felix. Também agradecemos a presença de cada um, cada uma, e a participação ativa de vocês em cada uma das discussões.

Realização:



Parceria:



**PROJETO
MEMÓRIA**

LÉLIA Gonzalez

**Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas**



www.projetoleliagonzalez.com.br

Acompanhe o Projeto Memória nas Redes Sociais:



@pm_eliagonzalez



@pm_eliagonzalez



pm_eliagonzalez